



O espaço público residencial na cidade do Porto. O caso de estudo dos Pinhais da Foz

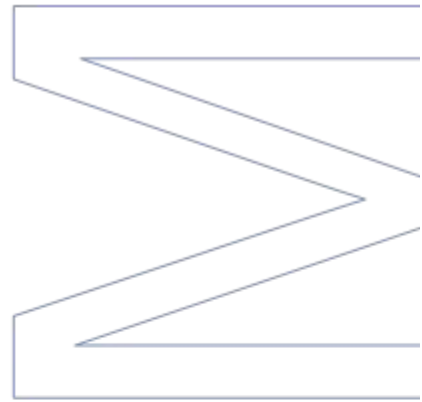
Beatriz de Pina Castiglione

Arquitetura Paisagista

Departamento de Geociências, Ambiente e Ordenamento do Território
2013

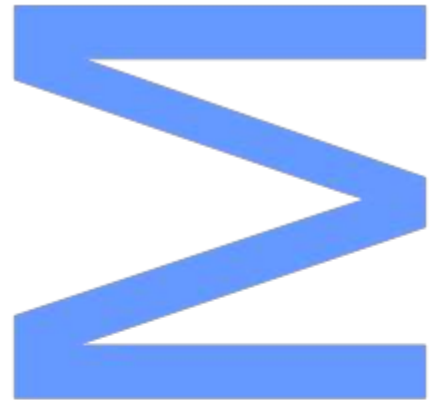
Orientador

Isabel Martinho da Silva, Professor auxiliar, Faculdade de Ciências
da Universidade do Porto





Todas as correções determinadas
pelo júri, e só essas, foram efetuadas.
O Presidente do Júri,
Porto, ____/____/____



AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho não teria sido possível sem a ajuda e a colaboração de muitas pessoas. A todos o meu sincero agradecimento.

À Professora Isabel Martinho da Silva, pela forma como me orientou ao longo de toda a investigação, sempre com sentido crítico, mas também com muita simpatia, paciência e compreensão. Agradeço muito a motivação e o constante incentivo.

À população presente e residente dos Pinhais da Foz pela disponibilidade na resposta aos questionários e entrevistas.

A todos os professores que contribuíram para a minha formação com os seus conhecimentos e ensinamentos. Em especial aos professores do curso de Arquitetura Paisagista da FCUP pela formação, pelos conselhos e por todos os bons momentos.

Aos amigos e aos colegas de curso pelo companheirismo e suporte, pela força nos momentos mais difíceis, pela ajuda e motivação e por tornarem tudo isto mais leve e divertido.

Aos meus irmãos. Em especial à minha irmã pelo apoio e ajuda prestados, pelo envolvimento entusiasmado com o tema, pelas opiniões e sugestões e pela motivação.

À minha querida avó pelo carinho e conforto com que sempre pude contar e que tão importantes foram nesta fase de conclusão do curso.

Ao meu pai por todo o apoio, pelas conversas e conselhos.

À minha mãe pela dedicação, pelo apoio em todas as fases do trabalho, pela força, pelos conselhos e por servir sempre de exemplo e inspiração para mim. Esta tese é dedicada a ti.



“Procurem de vez em quando
O teatro que é encenado na rua.
Cotidiano, vário e anónimo, mas
Tão vívido, terreno, nutrido da convivência
Dos Homens, o teatro que se passa na rua.”

Bertolt Brecht,
in “Sobre o teatro cotidiano.”

RESUMO

A presente dissertação tem como objeto de estudo os espaços públicos residenciais, tendo como caso de estudo a área dos Pinhais da Foz, localizada na freguesia da Foz do Douro, concelho do Porto.

Apesar de desempenharem um papel essencial para a qualidade de vida dos cidadãos, muitos espaços públicos de proximidade na cidade do Porto são pouco ou nada utilizados. Surge então a necessidade de responder à seguinte questão: “Porque alguns espaços públicos residenciais da cidade do Porto não são utilizados e quais as modificações que necessitam para que as pessoas os utilizem?”. Foi realizada uma observação comportamental nos espaços públicos dos Pinhais da Foz bem como inquéritos à população presente e residente com o objetivo de entender a sua dinâmica e vivência. Os problemas e os conflitos de uso identificados permitiram a elaboração de uma proposta de intervenção que visa torná-los mais úteis e funcionais, do ponto de vista dos utilizadores.

As conclusões obtidas neste caso de estudo, juntamente com a informação recolhida na revisão bibliográfica, nomeadamente os estudos dos autores William Whyte (1980) e Jan Ghel (2004), permitiram estabelecer uma série de linhas orientadoras de desenho em espaço público residencial possíveis de ser aplicadas a outros casos de estudo e que têm como objetivo a construção de lugares úteis, inclusivos, multifuncionais e que possibilitem o encontro e os contactos sociais nas cidades, melhorando assim a qualidade de vida dos seus habitantes.

ABSTRACT

This thesis reflects about the public residential spaces, and has as a case study the area of Pinhais da Foz, located in Foz do Douro, city of Oporto.

Although they play a vital role in the quality of life of citizens, many public residential spaces in the city of Oporto are little or not used at all by the population. Therefore, there is a need to answer the following question: "Why some public residential spaces of Oporto are not used and what modifications do they need for people to use them?". A behavior observation in the public spaces of Pinhais da Foz and a survey to the resident and present population was made in order to understand the use and dynamics of the public spaces. The problems and conflicts identified allowed the elaboration of a proposal to make Pinhais da Foz public spaces more useful and functional, from the user perspective.

Finally, based on the findings of the case study, along with information gathered in the literature review, particularly the studies of the authors William Whyte (1980) and Jan Gehl (2004), a series of design guidelines for public space residential areas were established. These guidelines can be applied to other case studies aiming at the construction of useful, inclusive and multi-functional places, promoting social contact in the cities, and improving the quality of life of its inhabitants.

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	IV
RESUMO	VI
ABSTRACT	VII
ÍNDICE	VIII
ÍNDICE DE QUADROS.....	X
ÍNDICE DE FIGURAS	XI
LISTA DE ANEXOS	XIV
CAPÍTULO I: Introdução	1
1.1 Objetivos do caso de estudo.....	2
1.2 Metodologia.....	2
CAPÍTULO II: Revisão bibliográfica	5
2.1 A importância do espaço público.....	5
2.2 A perspectiva do utilizador – Breve enquadramento histórico.....	6
2.3 O espaço público de proximidade.....	9
2.4 Princípios para a criação de espaço público residencial atrativo.....	10
2.4.1 Escala e desenho espacial.....	10
2.4.2 Multifuncionalidade	12
2.4.3 Ter em consideração grupos vulneráveis.....	13
2.4.4 Segurança	14
2.4.4.1 Atividades públicas e vigilância natural	15
2.4.5 Espaços verdes	16
2.4.6 Manutenção	17
CAPÍTULO III: Caracterização da área do caso de estudo	18
3.1 Localização e contexto.....	18
3.2 Caracterização demográfica.....	19
3.3 Caracterização espacial.....	22
3.3.1 Tipologias de espaço público residencial	22
3.3.2 Tipologias de espaço público residencial dos Pinhais da Foz.....	23
3.3.3 Fichas de caracterização dos espaços públicos dos Pinhais da Foz.....	31
CAPÍTULO IV: Resultados	32
4.1 Observação	32
4.1.1 Distribuição e frequência de atividades por área	35
4.1.2 Resultados principais	36

4.2 Questionários.....	53
4.2.1. Amostra inquirida.....	55
4.2.2. Resultados.....	56
4.3 Discussão dos resultados	65
CAPÍTULO V: Proposta	68
5.1 Proposta para a circulação pedonal nos Pinhais da Foz.....	71
5.2 Proposta para os taludes e separadores dos Pinhais da Foz.....	72
5.3 Proposta para a ÁREA 1.....	73
5.5 Proposta para a ÁREA 3.....	84
CAPÍTULO VI: Linhas orientadoras para o desenho de espaço público residencial	87
6.1 Circulação Automóvel.....	87
6.2 Circulação Pedonal.....	87
6.3 Praças.....	87
6.4 Pracetas.....	88
6.5 Zona comercial.....	88
6.6 Separadores	89
6.7 Taludes com inclinação elevada.....	89
6.8 Canteiros e floreiras associados a edifícios.....	89
6.9 Espaços verdes com aptidão para recreio ativo	89
6.10 Espaços verdes sem aptidão para recreio ativo	90
6.11 Campos de jogos	90
6.12 Parques infantis.....	91
CAPÍTULO VII: Conclusão.....	92
BIBLIOGRAFIA	94
ANEXOS	100

ÍNDICE DE QUADROS

Tabela 1. População residente na área de estudo, por grupo etário.....	20
Tabela 2. Escolaridade completa e a frequentar, da população dos Pinhais da Foz	21
Tabela 3. Situação perante o emprego, da população da área residencial dos Pinhais da Foz.....	21
Tabela 4: Dias e horários em que foram realizadas as observações dos espaços públicos dos Pinhais da Foz.....	34
Tabela 5: Total de pessoas a passar e a realizar atividades por hora em dia da semana no espaço 3	37
Tabela 6: Total de pessoas a passar e a realizar atividades por hora em fim de semana no espaço 3	37
Tabela 7: Total de pessoas a passar e a realizar atividades por hora em dia da semana no espaço 6	43
Tabela 8: Total de pessoas a passar e a realizar atividades por hora em fim de semana no espaço 6	43
Tabela 9. Número de inquéritos realizados, por dia da semana e data.....	55
Tabela 10: Características da população inquirida quanto ao uso dos espaços públicos dos Pinhais da Foz.....	63
Tabela 11: Avaliação dos espaços públicos dos Pinhais da Foz, pela população inquirida.....	64

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1: Esquema da metodologia utilizada na investigação.....	3
Figura 2: Localização da área de estudo	18
Figura 3: Localização de algumas áreas de lazer ao ar livre em relação aos Pinhais da Foz.....	19
Figura 4: Densidade demográfica dos Pinhas da Foz 2011	20
Fonte de dados: Instituto Nacional de Estatística (www.ine.pt).....	20
Figura 5: Indicação do espaço público e espaço privado no mapa dos Pinhais da Foz	24
Figura 6: Localização das tipologias de espaço público residencial no mapa dos Pinhais da Foz.....	24
Figura 7: Localização da tipologia de espaço público residencial “circulação pedonal” no mapa dos Pinhais da Foz.....	25
Figura 8: Localização da tipologia de espaço público residencial “circulação automóvel” no mapa dos Pinhais da Foz	25
Figura 9: Localização da tipologia de espaço público residencial “ciclovía” no mapa dos Pinhais da Foz.....	26
Figura 10: Localização da tipologia de espaço público residencial “estacionamento” no mapa dos Pinhais da Foz.....	26
Figura 11: Localização da tipologia de espaço público residencial “praça” no mapa dos Pinhais da Foz.....	27
Figura 12: Localização da tipologia de espaço público residencial “praceta” no mapa dos Pinhas da Foz	27
Figura 13: Localização da tipologia de espaço público residencial “zona comercial” no mapa dos Pinhais da Foz	28
Figura 14: Localização da tipologia de espaço público residencial “separadores” no mapa dos Pinhais da Foz	28
Figura 15: Localização da tipologia de espaço público residencial “taludes” no mapa dos Pinhais da Foz.....	29
Figura 16: Localização da tipologia de espaço público residencial “canteiros e floreiras associados a edifícios” no mapa dos Pinhais da Foz	29
Figura 17: Localização da tipologia de espaço público residencial “espaços verdes de recreio e lazer com aptidão para recreio ativo” no mapa dos Pinhais da Foz. 30	
Figura 18: Localização da tipologia de espaço público residencial “espaços verdes de recreio e lazer sem aptidão para recreio ativo” no mapa dos Pinhais da Foz. 30	
Figura 19: Espaços em que se realizou observação do uso do espaço	32
Figura 20: Excerto do diário de observação dos espaços públicos dos Pinhais da Foz (Beatriz Castiglione).....	33
Figura 21: Distribuição e frequência de atividades por espaço público verificadas ao longo dos 18 dias de observação.....	35
Figura 22: Localização da área onde se verificou maior número de atividades e foco da observação	36
Figura 23: Espaço 3 – Proporção de atividades no quadrado por hora durante a semana.....	37

Figura 24: Proporção de atividades no quadrado por hora durante o fim de semana.....	38
Figura 25: Gráfico do total de pessoas observadas por intervalo de hora no fim de semana e durante a semana no quadrado.....	38
Figura 26: Jovens a conviver, uma das atividades mais verificadas no quadrado (Fonte: Beatriz Castiglione).....	39
Figura 27: Adultos a brincarem com crianças no espaço 3 (quadrado) (Fonte: Beatriz Castiglione).....	40
Figura 28: Passear e brincar com os cães também foi uma atividade verificada (Fonte: Beatriz Castiglione).....	40
Figura 29: Jovens a andar de skate e bicicleta e a conviver no espaço 3 (quadrado) (Fonte: Beatriz Castiglione).....	40
Figura 30: Pais a jogarem à bola com os filhos no quadrado (Fonte: Beatriz Castiglione).....	40
Figura 31: Desenhos de crianças pequenas no chão do quadrado (Fonte: Beatriz Castiglione).....	41
Figura 32: Esquema descritivo das atividades observadas no quadrado (Beatriz Castiglione).....	41
Figura 33: Zona comercial com cafés/restaurantes com esplanadas e serviços (Fonte: Beatriz Castiglione).....	42
Figura 34: Número de pessoas sentadas nas esplanadas dos cafés em fins de semana e dias úteis na área comercial (espaço 5) dos Pinhais da Foz (a capacidade de carga das esplanadas desta área é de aproximadamente 200 pessoas sentadas).	42
Figura 35: Total de pessoas observadas por intervalos de horário no espaço 6 .	43
Figura 36: Passear o cão, atividade mais verificada no espaço 6 (Fonte: Beatriz Castiglione).....	44
Figura 37: Adulto a conviver com criança no espaço 6 (Fonte: Beatriz Castiglione).....	44
Figura 38: Jovens a conviver nos relvados no espaço 6 (Fonte: Beatriz Castiglione).....	45
Figura 39: Família a brincar no espaço 6 (Fonte: Beatriz Castiglione).....	45
Figura 40: Adulto a jogar à bola com criança no espaço 6 (Fonte: Beatriz Castiglione).....	46
Figura 41: Esquema descritivo do espaço 6 (Beatriz Castiglione).....	47
Figura 42: Donos dos cães na praceta do espaço 6 (Fonte: Beatriz Castiglione)	47
Figura 43: Estado dos relvados devido à utilização intensiva do espaço pelos cães (Fonte: Beatriz Castiglione).....	48
Figura 44: Manifestações de indignação perante a atitude dos donos dos cães com os espaços verdes (Fonte: Beatriz Castiglione).....	48
Figura 45: Jovem a andar de skate no espaço 9 (Fonte: Beatriz Castiglione).....	49
Figura 46: Utilizador a passear o cão no espaço 4 (Fonte: Beatriz Castiglione)...	49
Figura 47: Crianças a jogar à bola acompanhadas dos pais nos arredores do espaço 7 (Fonte: Beatriz Castiglione).....	50
Figura 48: Localização de bancos nos espaços públicos dos Pinhais da Foz	51
Figura 49: Espaço 3 (Quadrado) à noite (Fonte: Beatriz Castiglione)	52
Figura 50. Total de inquéritos realizados por horário.....	55
Figura 51. Proporção de pessoas, por grupo etário e género, na população inquirida e no Censo 2011	56

Figura 52. Total de homens e mulheres da amostra, por grupos etários	57
Figura 53: Plano geral da proposta de requalificação dos espaços públicos dos Pinhais da Foz (Beatriz Castiglione)	70
Figura 54: Áreas de intervenção mais específica	71
Figura 55: Circulação pedonal e identificação dos caminhos de pé posto “oficializados” na proposta	72
Figura 56: Indicação do corredor verde dos Pinhais da Foz	73
Figura 57: Plano geral área 1 – Solução 1 (Beatriz Castiglione)	74
Figura 58: “Situação existente” (em cima) e “situação proposta” (em baixo) da nova praça arborizada (novo espaço A) (Beatriz Castiglione)	75
Figura 59: Esquema ilustrativo da proposta para melhorar a acessibilidade do quadrado (Beatriz Castiglione)	76
Figura 60: “Situação existente” (em cima) e “situação proposta” (em baixo) do espaço 2 (Beatriz Castiglione)	77
Figura 61: Plano geral área 1 – Solução 2 (Beatriz Castiglione)	78
Figura 62: Plano geral da área 2 (Beatriz Castiglione)	79
Figura 63: “Situação existente” (em cima) e “situação proposta” (em baixo) do espaço 5 (Beatriz Castiglione)	80
Figura 64: “Situação existente” (em cima) e “situação proposta” (em baixo) do espaço 6 (Beatriz Castiglione)	81
Figura 65: “Situação existente” (em cima) e “situação proposta” (em baixo) do acesso sul ao espaço 6 (Beatriz Castiglione)	82
Figura 66: “Situação existente” (em cima) e “situação proposta” (em baixo) do acesso norte da área 6 (Beatriz Castiglione)	83
Figura 67: Plano geral área 3 (Beatriz Castiglione)	84
Figura 68: “Situação existente” (em cima) e “situação proposta” (em baixo) do espaço 7 (Beatriz Castiglione)	85
Figura 69: Em cima, à esquerda, vista do novo espaço C, à direita “situação existente” do espaço e em baixo “situação proposta” do espaço C (Beatriz Castiglione)	86

LISTA DE ANEXOS

Anexo 1. Fichas de caracterização dos espaços públicos dos Pinhais da Foz.

Anexo 2. Excerto do diário de observação dos Pinhas da Foz

Anexo 3. Resultados dos questionários

Anexo 4. Exemplos de bons espaços públicos residenciais

Anexo 5. O processo projetual

Anexo 6. Mapas de criminalidade dos Pinhais da Foz e do Porto em 2008

CAPÍTULO I: Introdução

Esta dissertação pretende refletir sobre o espaço público residencial, nomeadamente sobre como o desenho pode influenciar o uso destes espaços.

Muitos espaços públicos de proximidade carecem de qualidade e permanecem esquecidos ou subutilizados como resultado de um mau desenho ou de uma manutenção deficiente (HAILING et al, 2009). Frequentemente estes espaços não possuem uma função definida ou não cumprem as funções para as quais foram projetados, funcionando muitas vezes apenas como zonas de passagem, em nada contribuindo para a identidade da cidade e o sentimento de pertença dos seus cidadãos (HAILING et al, 2009). Nestas situações urge repensar o desenho do espaço público residencial, nomeadamente a relação entre a forma e a função, de modo a criar espaços mais úteis.

Partindo do princípio de que os espaços públicos desempenham um papel essencial na qualidade de vida dos cidadãos, a investigação nasceu da constatação de que muitos espaços públicos residenciais na cidade do Porto são pouco ou nada utilizados pelos seus habitantes. Surge então a necessidade de responder às seguintes questões:

1. “Porquê alguns espaços públicos residenciais da cidade do Porto são pouco ou nada utilizados pela sua população residente?”
2. “Quais as modificações que estes espaços necessitam para que o seu uso aumente?”

Para responder a estas questões foi escolhida a área residencial dos Pinhais da Foz, localizada na freguesia da Foz do Douro, concelho do Porto.

A escolha desta área justificou-se pela grande área de espaço público residencial que possui, nomeadamente espaço verde; pela constatação que apesar da área de espaço público residencial ser grande o uso parece ser diminuto, e pela proximidade.

1.1 Objetivos do caso de estudo

O objetivo geral do caso de estudo é identificar o uso do espaço público residencial dos Pinhais da Foz e o porquê de se verificar esse uso, tendo como finalidade a definição de estratégias de desenho de espaço público de proximidade (residencial) que respondam às necessidades de uso e expectativas da população.

Para ser possível alcançar este objetivo geral é necessário responder às seguintes questões (objetivos específicos):

1. Quais as tipologias de espaço público existente?
2. Qual é o uso das diferentes tipologias de espaço público existentes?
3. Porque é utilizado o espaço público dessa forma?
4. Quais as modificações que o espaço público necessita para ser mais utilizado?

1.2 Metodologia

Para responder aos objetivos gerais e específicos acima anunciados foi desenvolvida a metodologia representada na figura 1.

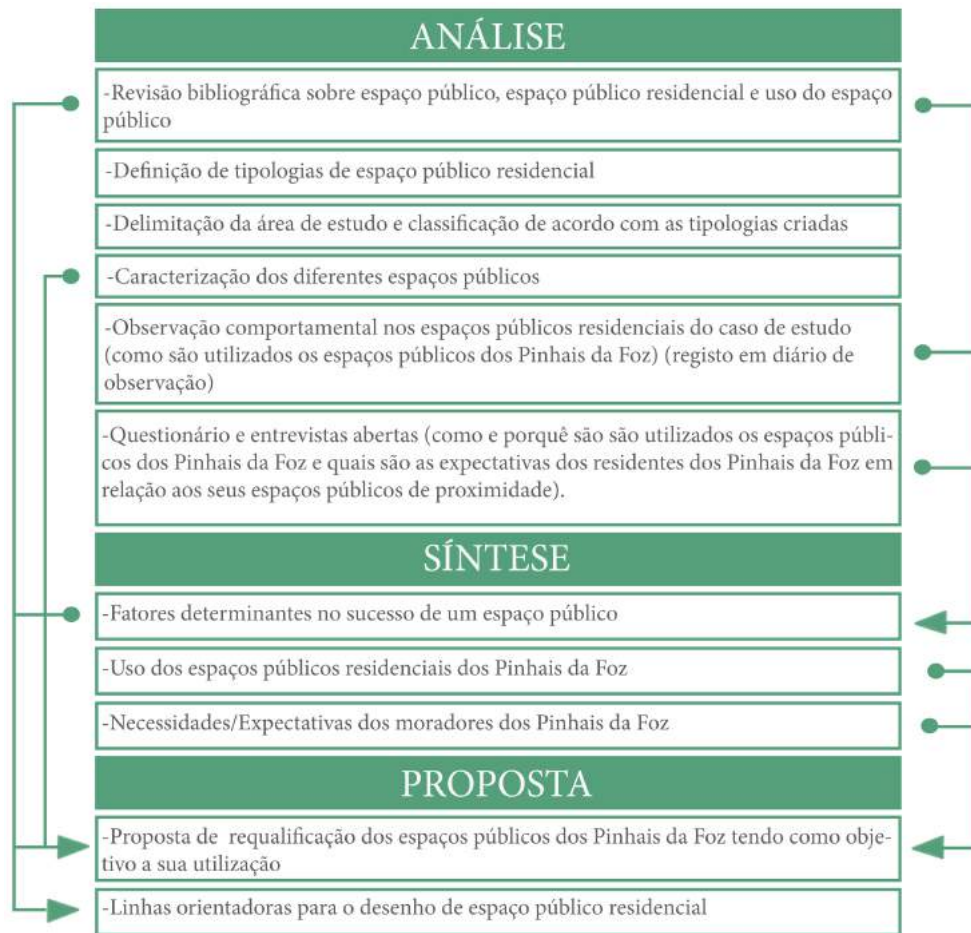


Figura 1: Esquema da metodologia utilizada na investigação

A fase de análise foi iniciada com uma revisão bibliográfica sobre espaço público, espaço público residencial e uso do espaço público. Esta revisão bibliográfica teve como objetivo conhecer o estado da arte sobre o tópico.

O caso de estudo foi iniciado com a delimitação da área de estudo e divisão em sub áreas. Posteriormente cada uma das sub áreas foi caracterizada do ponto de vista espacial, tendo sido identificadas as tipologias de espaço presentes.

Para responder à questão “Qual o uso das diferentes áreas/tipologias de espaço presentes nos Pinhais da Foz” recorreu-se ao método de observação. Os espaços públicos dos Pinhais da Foz foram observados durante vários dias a várias horas tendo o comportamento observado sido registado num diário de observação.

Questionários e entrevistas abertas foram os métodos utilizados para saber como e porquê são usados os espaços públicos residenciais dos Pinhais da Foz.

Estes métodos também foram utilizados para conhecer as expectativas/ desejos dos utentes em relação aos seus espaços públicos.

Na fase de síntese foram sumarizados os fatores determinantes no sucesso de um espaço público. Esta informação foi recolhida através da revisão bibliográfica e dos resultados do caso de estudo.

Os dados recolhidos na observação permitiram conhecer o uso que é feito dos diferentes espaços residenciais dos Pinhais da Foz e os dados provenientes dos questionários, tratados através dos software ACCESS e SPSS, permitiram conhecer as razões que levam a esse uso e identificar quais as necessidades/ expectativas de uso do espaço por parte da população.

A informação obtida na fase de síntese permitiu o desenvolvimento de propostas de requalificação do espaço público residencial dos Pinhais da Foz, com vista a potenciar o seu uso.

Nesta fase foram também elaboradas linhas orientadoras para o desenho de espaços públicos residenciais funcionais do ponto de vista do uso do espaço.

CAPÍTULO II: Revisão bibliográfica

2.1 A importância do espaço público

“As cidades são locais de encontro e os espaços públicos são os locais que possibilitam esses encontros” Jan Ghel

A importância dos espaços públicos na vida das populações varia desde questões ligadas à saúde pública, até aspetos psicológicos e ambientais (ROFE, 2011). No entanto, para que se compreenda a importância destes espaços é preciso compreender o papel que desempenham na vida das pessoas.

Numa época marcada pela comunicação indireta e em que a vida parece acontecer cada vez mais na esfera privada e no mundo virtual, os espaços públicos são lugares que possibilitam contato com o ar livre e oportunidades para recreio ou para o desenvolvimento de atividades físicas, desportivas e culturais, fundamentais para uma melhor qualidade de vida dos cidadãos (GHEL, 2002). Estes espaços permitem que as pessoas estabeleçam relações umas com as outras e que interajam, seja de forma passiva, pelo simples facto de observarem o fluxo de estranhos a passar e as cenas quotidianas a acontecerem ou de uma forma mais ativa, por exemplo para encontrar amigos ou socializar (STONE et al, 1992).

A intensidade e a variedade das atividades diferem de lugar para lugar, mas as motivações que levam as pessoas à esfera pública parecem manter-se as mesmas: o conforto, o relaxamento, o envolvimento passivo e/ou ativo com o meio ambiente e a descoberta (STONE et al, 1992).

O carácter das cidades é definido pelos seus espaços públicos e ainda que em tempos de crise económica o investimento no desenvolvimento e manutenção de espaços públicos possa não parecer essencial, a verdade é que mesmo um pequeno investimento na qualidade destes espaços oferece à cidade e aos cidadãos um retorno enorme, fortalecendo o tecido social e enriquecendo as comunidades social e financeiramente (PROJECT FOR PUBLIC SPACES, 2012).

2.2 A perspectiva do utilizador – Breve enquadramento histórico

O período anterior à chamada Revolução Industrial, na Europa, caracterizou-se por um grande crescimento dos centros urbanos, criando uma rede de cidades. Este processo de urbanização é marcado por um grande aumento da população urbana, devido a processos migratórios e a alterações na dinâmica demográfica da população. (BENEVOLO, 1994).

Com o advento da industrialização, no entanto, as cidades tornar-se-iam lugares insalubres: a alta concentração de população, as condições de insalubridade das habitações populares e a poluição do ar e da água, relacionadas com o avanço da industrialização, ajudam a compreender a alta taxa de mortalidade associada aos centros urbanos. As péssimas condições de vida nas cidades industriais foram amplamente documentadas por escritores da época, como Friedrich Engels, Mark Twain, Émile Zola, entre outros. (DE VRIES, 1984).

Alinhado com a mentalidade da época, observa-se o desenvolvimento de formas racionais de análise das cidades industriais e intervenção nas mesmas. A cidade fascina e aterroriza os pensadores da época, dando origem a diversas interpretações, que por sua vez frequentemente estabelecem uma contraposição entre a cidade e o campo, romantizando este ao mesmo tempo em que criticam a urbe. A cidade é associada a males morais e sociais, à doença e à morte, à degradação do espírito; o campo, por sua vez, associado à saúde, a uma vida idílica e à harmonia social. (DE VRIES, 1984).

Assim, os pioneiros do planeamento urbano moderno procuraram aproximar o campo das cidades através da criação de espaços públicos nas cidades, introduzindo na urbe elementos da natureza, embora de uma natureza dominada de forma específica para o ambiente urbano, a de jardins com uma funcionalidade muito diferente da agricultura. (DE VRIES, 1984)

O final do século XIX testemunha o nascimento do chamado “Movimento pelas Cidades-Jardim”, inspirado pelas ideias e publicações de Ebenezer Howard, em especial o seu livro “Garden Cities of Tomorrow” (1898), que propunha a expansão controlada das cidades em comunidades cercadas por parques e agricultura, com espaços definidos para indústria, residência e cultivo. (LAMAS, 2004). Embora considerado utópico, o ideal da cidade-jardim incluía recomendações práticas que foram parcialmente aplicadas à organização de diversas cidades. Howard procura

conciliar o que entende como vantagens, para a população, da vida no campo, com a atratividade da cidade pela sua atividade económica. Em substituição da dicotomia campo-cidade, propõe “uma terceira alternativa, na qual todas as vantagens da mais energética e ativa vida nas cidades, com toda a beleza e deleite da vida do campo, possam ser asseguradas em perfeita combinação” (HOWARD, 1898). O projeto das cidades-jardim, no entanto, não chegou nunca a ter o impacto esperado pelo seu autor, de forma que apenas poucos projetos inspirados por estas ideias chegaram a ser postos em prática. (LAMAS, 2004)

A eclosão das duas grandes guerras mundiais viria a marcar o começo de outro período no urbanismo europeu. Estas guerras, cuja destruição não tem precedentes na história recente da humanidade, deixaram um rastro de destruição em grande parte do continente europeu, no qual cidades inteiras foram reduzidas a ruínas. O período pós-1945 marca o início de um enorme esforço de reconstrução, contexto no qual surge um grande e crescente corpo de escritos teóricos alimentados por uma crítica ao modernismo e pelo desenvolvimento urbano do pós-guerra. (CARMONA et al, 2007)

Na Grã-Bretanha, e em menor escala noutros países europeus, este desenvolvimento urbano foi visto como parte do esforço de recuperação dos ânimos da população no pós-guerra, através da melhoria da qualidade de vida nas cidades, relacionada com a diminuição da densidade urbana, planeamento e construção de novas cidades e bairros de subúrbio. Nesta época, recuperam-se algumas das concepções de Ebenezer Howard e do movimento das cidades-jardim. (LAMAS, 2004)

No entanto, esta forma de planeamento urbano seria criticada nas décadas de 60 e 70. Se bem que marcado por uma preocupação com a existência de espaços verdes e melhoria das condições de vida nas cidades, o urbanismo inspirado pelas cidades-jardim ignora em grande parte as dinâmicas específicas de cada local: pode dizer-se que assume que as necessidades da população são definidas por um modelo relativamente rígido, que de certa forma ignora a própria dinâmica de vivência do espaço e o fato de que os seus habitantes têm capacidade de ação e interpretação do espaço onde habitam. As linhas de planeamento do urbanismo da época não seriam apropriadas, segundo estas críticas, à escala humana e à vivência da cidade. (LAMAS, 2004)

Na nova forma de pensar a cidade que emerge nos anos 60, destaca-se a figura de Jane Jacobs, como uma grande influência não só pela sua obra escrita – o clássico “Morte e Vida das grandes cidades americanas” - como, e talvez principalmente, pelo seu ativismo comprometido com a resistência à imposição de grandes mudanças no espaço urbano. Jacobs foi uma precursora da análise e crítica aos processos de gentrificação, um conceito que ainda hoje é essencial para a compreensão das dinâmicas de poder que operam no planeamento do território (LAMAS, 2004).

A autora denuncia a imposição de um modelo de cidade que se baseia numa argumentação e dados débeis, ideias não demonstráveis, cuja aplicação é prejudicial para as pessoas que vivem a cidade no seu quotidiano. Na concepção de Jacobs, a cidade é um organismo social e económico vivo, e sua vida reside exatamente na mistura de funções residenciais, comerciais, de lazer. (JACOBS, 2009). A pretensão dos urbanistas de tentar prever com antecipação como se dará o uso do espaço, na perspectiva da ativista, é um grande erro, que pode levar à destruição de bairros que funcionam bem para a sua substituição por espaços potencialmente problemáticos. Ao denunciar o processo de gentrificação – através do qual a especulação económica e o planeamento urbano despreocupado com a população acabam por expulsar a população mais pobre das suas áreas de residência e convivência, promovendo a valorização económica dessas áreas -, Jacobs valoriza a existência da diversidade e destaca a conexão existente entre o espaço e aqueles que o habitam. (LAMAS, 2004)

Contemporâneo a Jane Jacobs é o professor Kevin Lynch, do MIT, cujo trabalho académico é pioneiro no estudo da perspectiva daqueles que utilizam a cidade. Estes estudos são marcados pela formação multidisciplinar de Lynch, que, além de arquitectura, também estudou psicologia e antropologia (MAGALHÃES, 2001). O seu livro “A imagem da cidade” é uma obra clássica, que procura compreender a cidade como um espaço vivido e interpretado de forma dinâmica pela população. Para isso, utiliza uma metodologia inovadora no campo do urbanismo, apropriando-se de técnicas utilizadas pela antropologia, como a realização de entrevistas. Lynch acreditava num planeamento urbano que fosse capaz de ampliar o potencial das cidades através da valorização da percepção de quem a usa. (LYNCH, 2011).

Outro urbanista a estudar a cidade utilizando métodos antropológicos foi William Whyte, cujo trabalho se desenvolve na Nova Iorque do final dos anos 60, em conjunto com a Comissão de Planeamento da Cidade de Nova Iorque. O seu propósito era o de estudar a vida das ruas de Nova Iorque e outras cidades, procurando saber como os novos espaços públicos estavam a funcionar, no “The street life project”. Junto com uma equipa de assistentes, e munidos de câmara e diários de campo, conduziu estudos pioneiros sobre o comportamento humano em diversos espaços públicos. (www.pps.org)

Neste projeto, o autor identificou como elementos de sucesso no espaço público a boa exposição solar, a presença de bancos confortáveis e sua localização, a arborização, a presença de água e comida, e a boa relação com a rua. Como parte do projeto, também foram criados mapas e gráficos que medem as interações humanas nos espaços públicos, e um documentário chamado “The social life of small urban spaces”.(WHYTE, 1980).

Atualmente, destaca-se a figura de Jan Gehl, urbanista e professor de planeamento urbano da faculdade de Arquitetura de Copenhaga, como um dos profissionais mais atentos à perspetiva do utilizador. Gehl dedicou-se por uma vida inteira ao estudo do comportamento humano para tentar compreender o porquê de uns espaços funcionarem e outros não, defendendo que “é preciso uma compreensão global do sistema de sentidos dos seres humanos e da forma com estes percebem o ambiente à sua volta para projetar espaços públicos nas cidades”¹.

2.3 O espaço público de proximidade

No último quarto do século XX várias cidades em diferentes pontos do Globo adotaram estratégias para melhorar ou criar espaços públicos de qualidade nos seus centros urbanos (GHEH, 2002). Contudo, os esforços não devem limitar-se apenas ao centro da cidade pois uma intervenção concentrada não cria espaços suficientes para satisfazer as necessidades dos cidadãos e não dota a cidade da variedade que ela necessita. Uma boa cidade deve integrar diversas funções, nomeadamente habitação, comércio, cultura, ensino e saúde. Por este motivo, deve-

¹ No documentário “Cities for people”

se agora investir nos bairros residenciais da mesma forma que se investiu nos centros das cidades (GHEL, 2000).

Numa época em que a falta de tempo parece ser um problema cada vez maior para o Homem, em especial para os habitantes das cidades, o espaço público residencial desempenha um papel essencial na qualidade de vida porque contribui para os sentimentos de familiaridade, relaxamento e boa vizinhança da área residencial, que se refletem em sentimento de pertença, contribuindo para que os moradores se sintam seguros e felizes no lugar onde vivem (HAILING et al, 2009).

Hoje em dia, muitos espaços públicos residenciais carecem de qualidade e permanecem esquecidos ou subutilizados como resultado de projetos irracionais ou falta de manutenção, que acabam por provocar uma imagem desagradável do bairro e muitas vezes até mesmo sentimento de insegurança por parte dos moradores (HAILING et al, 2009).

Para projetar espaços públicos em áreas residenciais é preciso ter em conta uma série de fatores que vão desde os equipamentos, sistema de tráfego, acessibilidade, dimensões, multifuncionalidade até à segurança de forma a satisfazer as necessidades de todos os grupos etários (HAILING et al, 2009). Além disso, é essencial ter em conta a população a que estes espaços se destinam, pois se não forem tomadas em conta as necessidades dos utilizadores o espaço público residencial transformar-se-á num espaço vazio e sem utilização (KAPLAN, 1998; STONE et al, 1992). Para Stone et al (1992), cinco necessidades parecem ser responsáveis pela procura do espaço público: conforto, relaxamento, envolvimento passivo com o ambiente, envolvimento ativo com o ambiente e descoberta. Neste capítulo serão apresentados princípios para o desenho de espaço público residencial de qualidade com base numa pesquisa teórica que explorou os pontos de vista de diferentes autores especializados na área e que são especialmente sensíveis à perspetiva humana.

2.4 Princípios para a criação de espaço público residencial atrativo

2.4.1 Escala e desenho espacial

A importância da escala no espaço público é um tema muito desenvolvido por Jan Ghel (1996). Este defende que espaços projetados com dimensões adequadas

à escala humana permitem estimular os sentidos de maneira que as pessoas, enquanto caminham, se tornem conscientes das ruas por onde passam, dos detalhes nos edifícios e das atividades realizadas por outros indivíduos. Ao contrário, grandes espaços, com a presença de arranha-céus e estradas largas fazem com que as pessoas se sintam mais indiferentes ao espaço. A questão da escala também deve ser considerada para as atividades no espaço público, isto é, são necessárias diferentes escalas para responder a diferentes necessidades físicas e psicológicas das pessoas; por exemplo, para atividades mais sossegadas, como ler ou relaxar, os espaços mais fechados e protegidos podem ser mais vantajosos porque criam um ambiente privado e seguro, evitando perturbações do exterior. O mesmo já não acontece caso as pessoas queiram participar em atividades mais intensas, como por exemplo jogar à bola ou correr, o espaço necessita de ser mais aberto e amplo, oferecendo assim mais oportunidade para a comunicação interpessoal.

A disposição espacial também é um fator muito influente na atratividade do espaço público. A disposição de ruas, prédios e parques influencia o comportamento das pessoas (HAILING et al, 2009). Segundo Jacobs (1961) o arranjo das ruas pode definir a atratividade e segurança das áreas residenciais - ruas dispostas em pequenos blocos podem estimular as comunicações internas, enquanto ruas retas dispostas em padrão de grade fazem com que as pessoas se sintam cansadas de andar. Já para Ghel (1996) num planeamento à média escala, como é o das áreas residenciais, uma espacialização mais compacta e um bom sistema de circulação de pedestres podem ser criados através de um bom arranjo entre arquitetura e instalações.

Ruas com uma boa proporção entre o comprimento e a largura do passeio proporcionam aos utilizadores conforto ao andar e boas vistas.

O tipo de mobiliário utilizado no espaço público também é um fator determinante na qualidade do espaço. Um bom mobiliário urbano pode manifestar a identidade única de um local (HAILING et al, 2009).

A iluminação também é um elemento muito importante no desenho de espaços públicos residenciais. É fundamental garantir caminhos e ruas bem iluminadas para os moradores chegarem às suas casas. Além disso, uma boa iluminação também contribui para a estética do espaço, proporciona maior conforto ao utilizador e permite criar diferentes tipos de experiências e ambientes (HAILING et al, 2009).

2.4.2 Multifuncionalidade

A multifuncionalidade é essencial numa área residencial viva (HAILING et al, 2009). Para garantir uma variedade de atividades e comunicação num espaço público é preciso satisfazer diferentes grupos de utilizadores do espaço, através da construção de espaços multifuncionais. A multifuncionalidade não deve ser instituída pela localização de atividades diferentes em espaços diferentes, mas sim pela criação de um espaço que integre todas as atividades harmoniosamente (HAILING et al, 2009).

Jacobs (1961) criticou fortemente a estratégia de planeamento que divide a cidade em diferentes áreas funcionais. Defendeu que se deviam estabelecer zonas multifuncionais na cidade, inclusivamente nas áreas residenciais.

Espaços públicos multifuncionais contribuem fortemente para a vitalidade da área residencial. Os espaços verdes, por exemplo, podem servir como lugares de encontro, de desporto, de brincadeira ou de relaxamento (HAILING et al, 2009). Se adicionarmos uso comercial ao rés de chão dos edifícios possibilitamos que a rua sirva não só como espaço de circulação mas também como espaço comercial e essa multifuncionalidade permite integrar no mesmo espaço pessoas e atividades distintas (GHEL et al, 2004).

Carmona et al(2003) também argumentou a favor da multifuncionalidade no espaço público, alegando que espaços que servem diversos usos promovem mais oportunidades para a diversidade social e as interações, para além de proporcionarem uma sensação de segurança. Desta forma, os espaços multifuncionais convidam as pessoas que vivem em edifícios diferentes e que têm histórias diferentes, a relacionarem-se por ocuparem a mesma área. Por exemplo, se combinarmos uma área de estadia com uma zona de recreio ativo possibilitamos que os adultos utilizem a área de estadia enquanto observam as crianças a brincarem na área de recreio ativo, situação que pode ser muito conveniente especialmente para quem tem filhos pequenos. Por outro lado, a área de estadia serve ainda como local de encontro e conversa para os idosos e jovens. Assim, as crianças e os adultos podem estar envolvidos harmoniosamente em diferentes atividades no mesmo espaço (HAILING et al, 2009).

No desenho de espaços públicos residenciais não basta pensar apenas na forma e na divisão do espaço, é essencial ter-se em consideração as funções sociais e a conveniência do uso. Está provado que espaços multifuncionais são mais benéficos para as pessoas. (HAILING et al, 2009).

2.4.3 Ter em consideração grupos vulneráveis

Um bom projeto de espaço público em áreas residenciais deve ter em atenção os grupos de utilizadores mais vulneráveis, tais como crianças, idosos e pessoas com deficiências. A atenção às limitações de mobilidade destes grupos é muito importante para garantir o seu fácil acesso aos espaços públicos (HAILING et al, 2009; STONE et al 1992; GHIEL et al 2004).

A mudança na estrutura demográfica dos países europeus reflete uma tendência cada vez mais crescente de aumento do número de idosos nas próximas décadas, conseqüentemente haverá um aumento dos reformados que, por terem mais tempo livre têm uma probabilidade maior de visitarem mais frequentemente os espaços públicos (HAILING et al, 2009).

Segundo Kempen et al (citado por HAILING et al, 2009) a dificuldade de mobilidade de grupos especiais é frequentemente ignorada pelos projetistas dos espaços públicos residenciais, fazendo com que os idosos e deficientes, para quem estar ao ar livre é especialmente importante, se sintam inibidos de utilizar estes espaços. É, portanto, necessário ter especial atenção ao planeamento físico dos espaços, a começar pelos equipamentos - bancos confortáveis são fundamentais para atividades passivas como as realizadas pelo grupo dos idosos e devem ser feitos de materiais confortáveis tanto no verão como no inverno (HAILING et al, 2009).

Também é necessário considerar que a distância de caminhada adequada para os idosos e deficientes é bastante menor do que para os mais jovens ou sem limitações motoras (GHIEL, 1968) e, por essa razão é importante que existam bons espaços públicos na proximidade das residências. Por outro lado, a distância de caminhada adequada não depende apenas da distância real (objetiva) mas também da distância psicológica (subjetiva), que é aquela percebida pelos indivíduos. A distância psicológica varia de indivíduo para indivíduo e está relacionada com fatores relacionados com o desenho dos espaços, tais como o traçado dos

percursos pedonais, os materiais do piso, a topografia do terreno. Caminhos pedonais de boa qualidade, com chão resistente à derrapagem e bons enquadramentos de vista podem contribuir para que as pessoas se sintam menos cansadas ao andar. (HAILING et al, 2009).

As crianças são outro grupo que exige muita atenção dos projetistas já que como por vezes não conseguem identificar potenciais perigos é comum que aconteçam acidentes enquanto brincam. Assim sendo, é importante que os projetistas prevejam esses potenciais perigos no espaço público de forma a construir espaços seguros (HAILING et al, 2009). Por exemplo, parques infantis ou equipamentos para crianças devem ser localizados em áreas afastadas de ruas movimentadas para evitar acidentes de trânsito, como atropelamentos, e proteger os utilizadores da poluição. Devem ainda ser suficientemente abertos para facilitar a vigilância e proteção das crianças pelos pais e responsáveis. Outra consideração importante está relacionada com os materiais escolhidos nos parques infantis, sendo preferíveis materiais leves em vez de outros que possam representar perigo para as crianças (HAILING et al, 2009).

2.4.4 Segurança

A segurança é mais um dos fatores indispensáveis para a qualidade dos espaços públicos residenciais. A ideia de a criminalidade poderia ser prevenida através do desenho do espaço começou a ser desenvolvida por volta da década de 1960 e era comum entre os planeadores da época. Esta teoria denominava-se “Crime Prevention Through Environmental Design (CPTED)” e surgiu de ideias expressas no livro de Jane Jacobs “Morte e vida de grandes cidades americanas”, onde se debatiam questões de segurança, mudando a maneira como as cidades eram vistas (HAILING et al, 2009). Jacobs acreditava que as atividades em espaços públicos são essenciais para induzir a vigilância natural e reduzir potenciais crimes (JACOBS, 1961).

Para a criação de espaços públicos residenciais seguros, a imagem global da área é determinante: o comportamento das pessoas dentro de um determinado espaço é fortemente influenciado pela perceção que estas têm desse espaço e, por sua vez, a perceção é muito influenciada pela qualidade ambiental do espaço. Se uma área residencial possui espaços públicos agradáveis e bem mantidos existe

uma probabilidade maior de que os moradores se afeiçoem a estes espaços e desenvolvam um sentimento de pertença e apropriação. Este sentimento de pertença favorece a que os moradores se sintam responsáveis pelos espaços e, ainda que inconscientemente, desenvolvam sentimentos de proteção da sua área residencial, identificando potenciais perigos e pessoas suspeitas. Pelo contrário, em espaços públicos residenciais degradados e descuidados os moradores deixam de se preocupar com esses espaços, consequentemente o vandalismo e a criminalidade aumentam fazendo com que os moradores se sintam mais inseguros e sem controlo e podendo, inclusive, promover a adoção de comportamentos vândalos e criminosos dos próprios moradores. Forma-se assim um ciclo vicioso de degradação do espaço que pode ser um catalisador de crimes e conflitos (HAILING et al, 2009). George Kelling e James Wilson (1982) descreveram este fenómeno no seu artigo “Broken Windows: The police and neighborhood safety” onde afirmam que “se uma janela de um edifício estiver partida e permanecer partida, em breve todas as outras janelas estarão partidas”

2.4.4.1 Atividades públicas e vigilância natural

A segurança dos espaços públicos residenciais é também afetada pelo grau de utilização que eles tem. Espaços que são muito utilizados pelos moradores tem maior probabilidade de ser seguros porque as pessoas desempenham, consciente ou inconscientemente, uma “vigilância natural” sobre o espaço. A vigilância natural depende de dois fatores: a vontade de vigiar e a possibilidade de vigiar (HAILING et al, 2009).

A possibilidade de vigiar está relacionada com a capacidade das pessoas de observarem o espaço que as rodeia. Assim, é importante ter em atenção barreiras físicas que podem bloquear a visão dos utilizadores e criar situações de risco. As oportunidades para o crime diminuem quando as pessoas podem ver o que acontece na sua área residencial (HAILING et al, 2009).

A ocorrência de atividades no espaço públicas é outra estratégia promotora da vigilância. Se existirem bastantes atividades a acontecer no espaço público, existe uma probabilidade menor de haver conflitos uma vez que as pessoas desenvolvem um instinto de defesa mútuo. Se o espaço público for agradável e possuir atividades interessantes os moradores sentem-se mais estimulados a observar a rua da janela

das suas habitações, enquanto que se não houver atividades e o espaço estiver deserto o interesse diminui (HAILING et al, 2009; JACOBS, 1961).

A visibilidade no espaço público depende em grande parte da disposição dos elementos que compõem esse espaço. Um mau desenho do espaço e uma má disposição dos elementos que o compõem, nomeadamente mobiliário urbano e vegetação podem bloquear a visão dos utilizadores impedindo a vigilância natural (HAILING et al, 2009).

A iluminação desempenha também um papel fundamental na segurança dos espaços públicos. Uma boa iluminação permite que as pessoas vejam bem à noite e identifiquem pessoas suspeitas. Alguns estudos em Inglaterra (HAILING et al, 2009) mostraram que uma melhoria na iluminação do espaço público pode significar uma diminuição de 30% da criminalidade. No entanto uma melhor iluminação não é sinónimo de mais iluminação. Uma boa iluminação deve ser moderada de forma a possibilitar a visualização do ambiente mas sem criar uma sensação de desconforto (Hailing et al, 2009). A cor, a quantidade e a localização das luzes também são fatores importantes para induzir a vigilância natural durante a noite (HAILING et al, 2009).

2.4.5 Espaços verdes

Os espaços verdes são outro fator indispensável na qualidade do espaço público residencial. Além das vantagens ambientais e ecológicas da vegetação para a cidade (FARINHA-MARQUES, 2008), os espaços verdes desempenham um papel fundamental na saúde e no comportamento das pessoas. Estudos de diversas disciplinas, incluindo a epidemiologia e a psicologia (MITCHELL et al, 2008) mostram como os ambientes naturais e os espaços verdes afetam a saúde e comportamento das pessoas. Alguns estudos em Inglaterra (MITCHELL et al, 2007) e na Escócia (MAAS et al, 2007) apresentam evidências de que existe uma associação positiva entre espaços verdes e saúde e que os ambientes naturais influenciam uma boa auto-percepção da saúde por parte das pessoas (VRIES et al, 2003). Estudos sobre a associação do ambiente natural com a saúde humana concluíram que os indivíduos tendem a perceber o ambiente natural como sendo mais restaurador do que o ambiente urbano (VAN DEN BERG et al, 2007) e que o

contato com a natureza está associado com a recuperação do défice cognitivo de atenção e stress.

Além dos benefícios para a saúde, os espaços verdes também influenciam muito o sentimento de bem-estar das pessoas. Um estudo sobre a qualidade do espaço público residencial, desenvolvido em Israel (ROFE, 2002) revela a vegetação como um dos principais parâmetros que influenciam o sentimento de bem-estar nos residentes. Quanto mais “verde” as pessoas conseguem ver perto das suas casas, melhor elas parecem sentir-se. (ROFE, 2002).

A vegetação é também muito importante do ponto de vista estético, podendo proporcionar aos moradores uma diversidade de vistas e uma recreação única ao longo das diferentes estações do ano (HAILING et al, 2009).

2.4.6 Manutenção

A manutenção é uma peça fundamental na qualidade dos espaços públicos residenciais, sendo um dos fatores mais importantes na construção de opinião em relação à paisagem (STEINITZ citado por CASTEL-BRANCO et al, 2011).

É importante que os planeadores e as autoridades administrativas relevantes promovam ações para garantir a manutenção dos espaços de forma a criar melhor ambiente nas áreas residenciais (HAILING et al, 2009). Pequenos trabalhos como a limpeza das ruas, a pintura de edifícios e a poda de plantas são essenciais para uma melhor imagem do espaço público residencial. Uma boa manutenção pode promover nos moradores maior desejo e responsabilidade de proteger a sua comunidade, reduzindo o potencial de crime (HAILING et al, 2009) e aumentando a utilização dos espaços pelos moradores.

Além disso, e em semelhança ao que acontece com o vandalismo, quando um espaço se encontra sujo ou em más condições devido à falta de manutenção, os utilizadores sentem-se menos inibidos em sujá-lo ainda mais.

CAPÍTULO III: Caracterização da área do caso de estudo

3.1 Localização e contexto



Figura 2: Localização da área de estudo

A área do caso de estudo desta dissertação, os Pinhais da Foz, localiza-se na cidade do Porto, na freguesia da foz do Douro (ver figura 2). Trata-se de uma área residencial de classe média e média alta (ver dados dos censos) onde existem alguns serviços. É limitada a noroeste pela Avenida Marechal Gomes da Costa, a sul pela rua Bartolomeu Velho e a este pela rua João de Barros.

A construção dos complexos habitacionais que constituem a área realiza-se em épocas diferentes, tendo sido iniciada no final dos anos 70 e concluída nos anos 2000. Os prédios mais antigos da área foram projetados pela construtora William Graham e apesar de não haver grandes informações sobre o projeto das habitações sabe-se que os arquitetos envolvidos foram Agostinho Ricca e João Serôdio.

Na sua proximidade situa-se o bairro social da Pasteleira e alguns espaços verdes emblemáticos da cidade do Porto, nomeadamente o Jardim da Fundação de Serralves, o Parque da Pasteleira e, um pouco mais distante, o Parque da Cidade. A zona localiza-se também perto da foz rio Douro e do mar, sendo portanto privilegiada em termos de espaços públicos ao ar livre (ver figura 3).

LOCALIZAÇÃO DE ALGUMAS ÁREAS DE LAZER AO AR LIVRE EM RELAÇÃO AOS PINHAIS DA FOZ

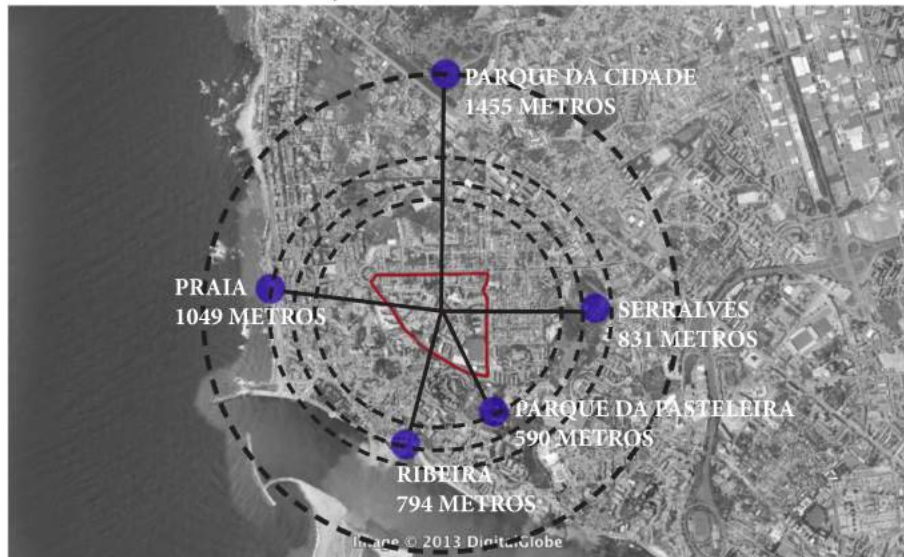


Figura 3: Localização de algumas áreas de lazer ao ar livre em relação aos Pinhais da Foz

3.2 Caracterização demográfica

A área dos Pinhais da Foz foi dividida pelo Instituto Nacional de Estatística (INE) em 18 subsecções geográficas, para fins de divulgação das estatísticas populacionais. Uma subsecção geográfica é a menor unidade de área para a qual são divulgados os dados dos Censos. Para conhecer as características da população residente nos Pinhais da Foz foram analisados os dados do Censo de 2011 por subsecção geográfica.

Na figura 4 estão representadas as subsecções geográficas e a correspondente densidade demográfica.

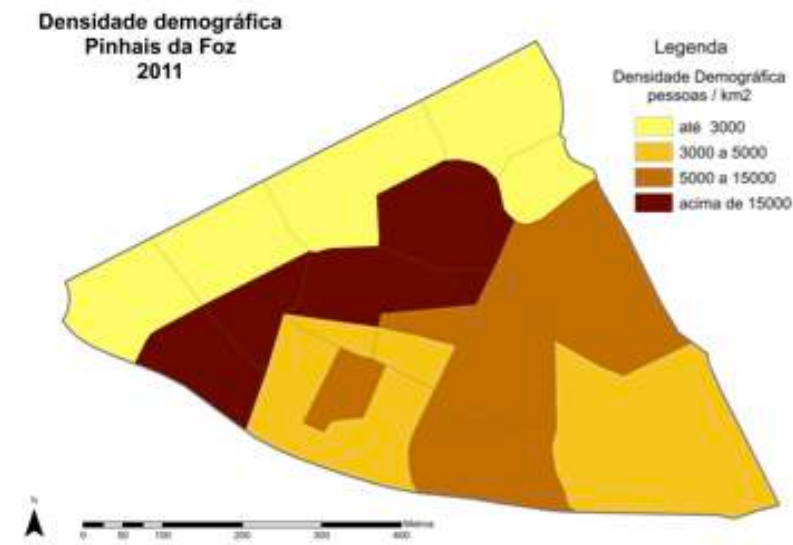


Figura 4: Densidade demográfica dos Pinhas da Foz 2011
 Fonte de dados: Instituto Nacional de Estatística (www.ine.pt)

De acordo com os dados do Censo, na área de estudo residiam 2417 indivíduos em 2011, dos quais 52,8% eram mulheres. A população residente nos Pinhais da Foz, por grupo etário, obtida a partir do Censo de 2011 está apresentada na tabela 1.

Tabela 1. População residente na área de estudo, por grupo etário

Demografia	Total (n)	Homens (n)	Mulheres (n)
total de indivíduos residentes	2417	1140	1277
População de 0 a 24 anos	734	381	353
População de 25 a 64 anos	1381	633	748
População acima de 65 anos	302	126	176

Fonte de dados: Instituto Nacional de Estatística (www.ine.pt)

A área caracteriza-se por ter moradores com elevada taxa de escolaridade: mais da metade possuía curso superior e cerca de 10% estavam a frequentar o ensino superior, de acordo com os Censos 2011 (www.ine.pt). A área possuía também uma alta percentagem de estudantes: 27,1% (n= 656) da população residente estava a frequentar um ciclo de estudos em 2011. A percentagem de analfabetos na área era de apenas 0,2%. Na tabela 2 apresenta-se a proporção de população por ciclo de estudos completos e a frequentar um ciclo de estudos.

Tabela 2. Escolaridade completa e a frequentar, da população dos Pinhais da Foz

Ciclos de estudo	Completo (%)	a frequentar (%)
analfabetos	0,2	----
1º ciclo ensino básico	5,3	4,2
2º ciclo ensino básico	5,3	2,8
3º ciclo ensino básico	10,9	3,8
ensino secundário	17,9	5,7
ensino superior	50,6	10,6

Fonte de dados: Instituto Nacional de Estatística (www.ine.pt)

O desemprego na área estava muito abaixo da média nacional, em 2011: apenas 3,8% da população residente estava desempregada e à procura de emprego, enquanto a média nacional estava em torno de 14%. Da população empregada, a grande maioria trabalhava no setor terciário.

Na tabela 3 apresenta-se a percentagem da população de acordo com a situação perante o emprego.

Tabela 3. Situação perante o emprego, da população da área residencial dos Pinhais da Foz

Situação perante o emprego	%
% empregados	47,4
% empregados no setor primário (em relação ao total de empregados)	0,6
% empregados no setor secundário (em relação ao total de empregados)	13,4
% empregados no setor terciário (em relação ao total de empregados)	85,9
% desempregados à procura de emprego	3,8
% pensionistas ou reformados	12,8
% sem atividade económica	36,0

Fonte dos dados: Instituto Nacional de Engenharia (www.ine.pt)

Através dos dados dos censos é possível concluir que a população residente dos Pinhais da Foz é maioritariamente de classe média alta, o que indica que

provavelmente tem acesso a uma boa condição de vida e a oportunidades de lazer diversas.

3.3 Caracterização espacial

3.3.1 Tipologias de espaço público residencial

Para a definição das tipologias de intervenção em espaço público residencial foi feita uma pesquisa bibliográfica sobre o tema. Procurou-se então definir uma classificação de tipologias de espaço público residencial que caracterizasse os espaços públicos residenciais dos Pinhais da Foz e também da cidade do Porto. Assim sendo, as tipologias de espaço público residencial apresentadas a seguir pretendem ser uma classificação tipológica de espaço público residencial, passível de ser aplicada a outros estudos de caso na cidade do Porto.

Tipologias de espaço público residencial:

I. ESPAÇO PAVIMENTADO

1. Circulação

- 1.1 **Automóvel:** Espaço de circulação destinado apenas a automóveis
- 1.2 **Pedonal:** Espaço de circulação destinado exclusivamente a peões
- 1.3 **Ciclovia:** Espaço de circulação destinado exclusivamente a bicicletas
- 1.4 **Partilhada:** Espaço destinado a circulação partilhada de ciclistas, peões e carros.

2. Estacionamento: Área destinada a estacionamento

3. Estadia

- 3.1 **Praças:** Espaço público urbano com área impermeabilizada superior a 40% (FARINHA-MARQUES et al, 2011), amplo e sem edificações ou acesso automóvel
- 3.2 **Pracetas:** Praças de pequenas dimensões, com área igual ou inferior a 195m².
- 3.3 **Zona comercial:** Espaço público urbano pavimentado destinado a serviços comerciais (supermercado, cafés, lojas).

II ESPAÇOS VERDES

1. Enquadramento

1.1 **Separadores:** Áreas que dividem ruas e estradas

1.2 **Taludes:** Superfícies de sustentação inclinadas com declive igual ou superior a 45°.

1.3 **Canteiros e floreiras associados a edifícios:** Canteiros e floreiras localizados na entrada ou junto de edifícios

2. Recreio e lazer

2.1 **Espaços verdes com aptidão para recreio ativo:** Consideram-se espaços com aptidão para recreio ativo espaços amplos, com declive pouco acentuado e com revestimento de prado/relvado preparado para pisoteio

2.2 **Espaços verdes sem aptidão para recreio ativo:** Espaços verdes que apresentam características tais como: área reduzida, muitos obstáculos materiais ou declive acentuado.

3. **Cultivo:** Espaços destinados à prática de atividades agrícolas

III EQUIPAMENTO

1. **Campos de jogos:** Terrenos extensos e planos destinados à prática de jogos.

2. **Parques infantis:** Espaço com equipamentos destinados especialmente para crianças.

3.3.2 Tipologias de espaço público residencial dos Pinhais da Foz

A seguir apresenta-se a classificação espacial dos Pinhais da Foz de acordo com as tipologias de espaço público residencial definidas no ponto 3.3.1

Os Pinhais da Foz caracterizam-se por possuir uma grande área de espaços públicos (ver figura 5), em especial espaços verdes, e uma boa rede de caminhos pedonais (ver figura 6). Como é possível observar no mapa das tipologias de espaço (figura 6) trata-se de uma área rica em espaços públicos com potencial para a realização de diversas atividades e que desempenham ainda uma função ecológica na cidade.

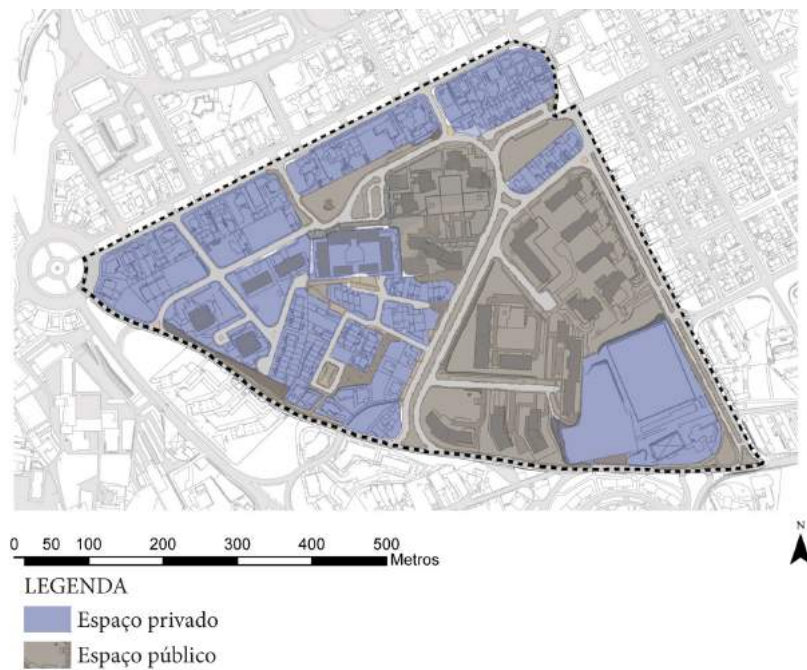


Figura 5: Indicação do espaço público e espaço privado no mapa dos Pinhais da Foz

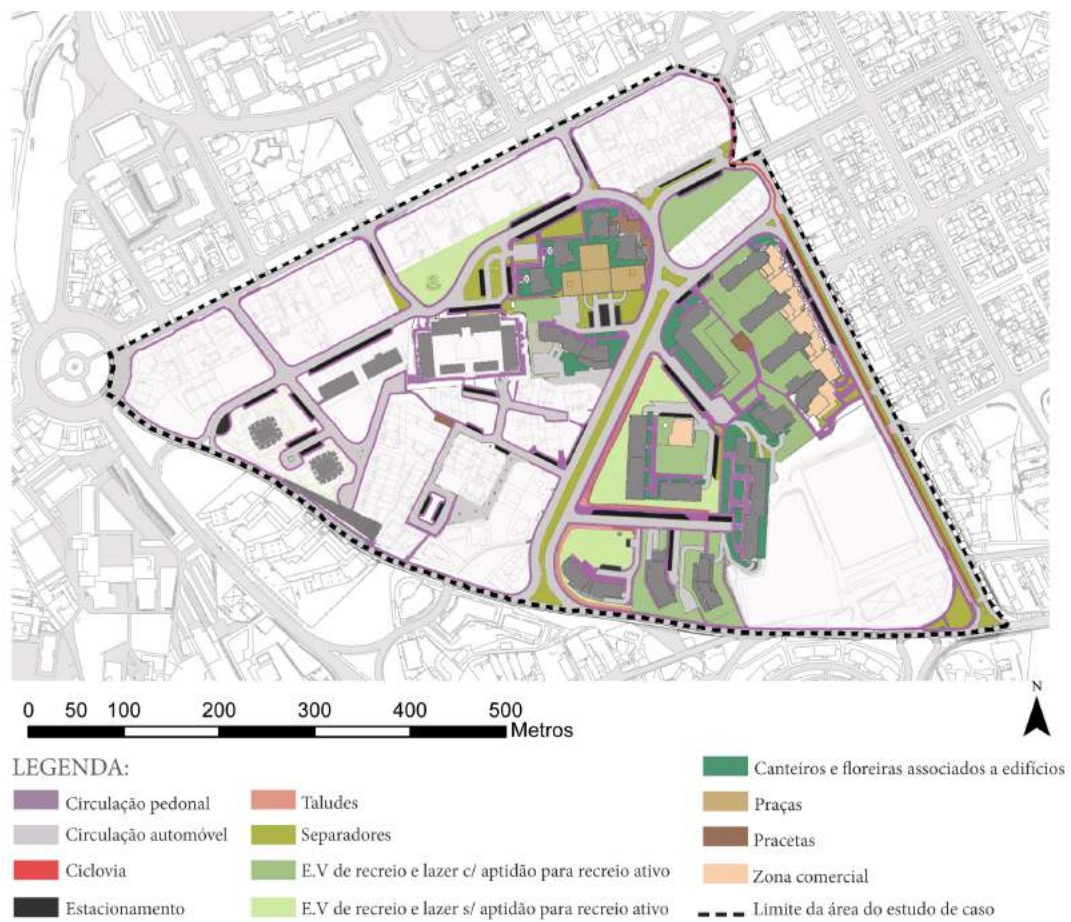


Figura 6: Localização das tipologias de espaço público residencial no mapa dos Pinhais da Foz.

-Circulação pedonal



Figura 7: Localização da tipologia de espaço público residencial “circulação pedonal” no mapa dos Pinhais da Foz

-Circulação automóvel



Figura 8: Localização da tipologia de espaço público residencial “circulação automóvel” no mapa dos Pinhais da Foz

-Ciclovia



Figura 9: Localização da tipologia de espaço público residencial "ciclovia" no mapa dos Pinhais da Foz

-Estacionamento



Figura 10: Localização da tipologia de espaço público residencial "estacionamento" no mapa dos Pinhais da Foz

-Praça



Figura 11: Localização da tipologia de espaço público residencial "praça" no mapa dos Pinhais da Foz

-Praceta



Figura 12: Localização da tipologia de espaço público residencial "praceta" no mapa dos Pinhas da Foz

-Zona comercial



Figura 13: Localização da tipologia de espaço público residencial “zona comercial” no mapa dos Pinhais da Foz

-Separadores



Figura 14: Localização da tipologia de espaço público residencial “separadores” no mapa dos Pinhais da Foz

-Taludes

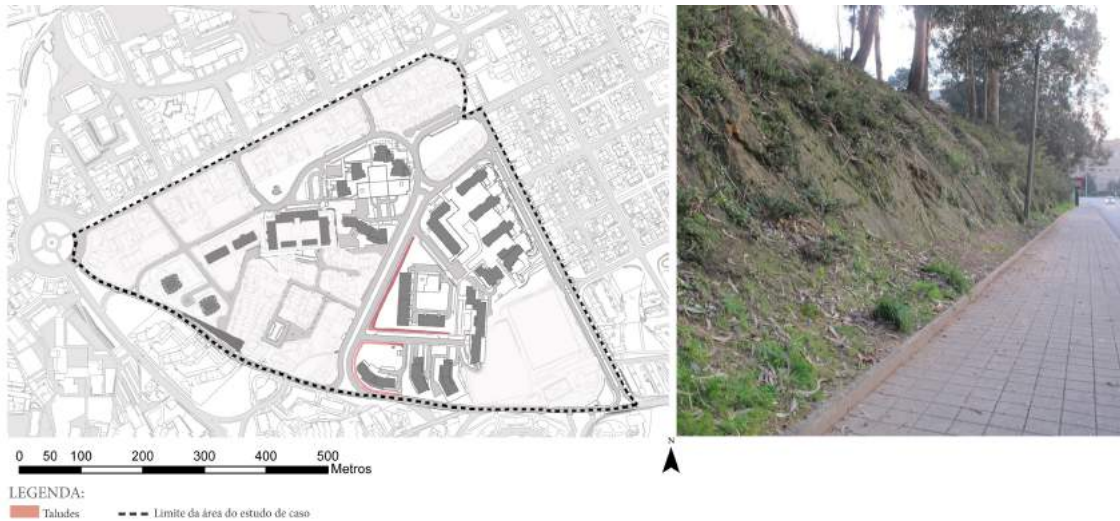


Figura 15: Localização da tipologia de espaço público residencial "taludes" no mapa dos Pinhais da Foz.

-Canteiros e floreiras associados a edifícios



Figura 16: Localização da tipologia de espaço público residencial "canteiros e floreiras associados a edifícios" no mapa dos Pinhais da Foz

-Espaços verdes de recreio e lazer com aptidão para recreio ativo



Figura 17: Localização da tipologia de espaço público residencial “espaços verdes de recreio e lazer com aptidão para recreio ativo” no mapa dos Pinhais da Foz

-Espaços verdes de recreio e lazer sem aptidão para recreio ativo



Figura 18: Localização da tipologia de espaço público residencial “espaços verdes de recreio e lazer sem aptidão para recreio ativo” no mapa dos Pinhais da Foz

3.3.3 Fichas de caracterização dos espaços públicos dos Pinhais da Foz

Para caracterizar os espaços públicos dos Pinhais da Foz foram selecionados alguns dos espaços mais representativos da área e elaboradas fichas descritivas para cada um, apresentadas no anexo 1.

CAPÍTULO IV: Resultados

4.1 Observação

Com o objetivo de identificar o uso dos espaços públicos dos Pinhais da Foz foi realizada uma observação comportamental em alguns espaços selecionados aos quais se atribuiu um número de identificação de acordo com as fichas de caracterização dos espaços apresentadas anteriormente (ver figura 19), nomeadamente os pertencentes às tipologias de “espaços verdes com aptidão para estadia de recreio ativo”, “espaços verdes com aptidão para estadia de recreio passivo”, “praça” e “área comercial”.

A observação decorreu de Março a Setembro e foi registada num diário de observação (ver figura 20 e anexo 2). Foram observadas a circulação de pessoas no local, a quantidade de pessoas envolvidas em atividades no espaço público, o tipo de atividades realizadas e tudo o que estivesse relacionado com o comportamento das pessoas no espaço público. Durante o período de observação foram feitas ainda entrevistas informais aos utilizadores relatadas no diário que contribuíram para a compreensão dos principais conflitos de uso existentes no mesmo.

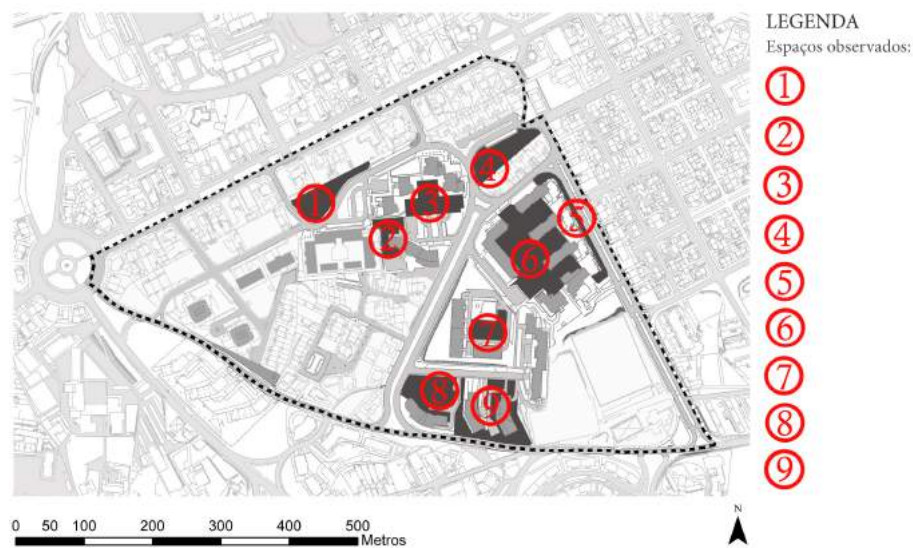


Figura 19: Espaços em que se realizou observação do uso do espaço



Figura 20: Excerto do diário de observação dos espaços públicos dos Pinhais da Foz (Beatriz Castiglione)

As observações foram realizadas em dias da semana e fins de semana em vários períodos compreendidos entre as dez horas da manhã e as sete horas da noite, num total de dezoito dias não consecutivos (ver tabela 4) que abrangeram as estações de inverno, primavera e verão. Ao todo foram observadas treze atividades a decorrer nos espaços públicos dos Pinhais da Foz, sendo estas:

- Passear o cão
- Sentar em esplanadas
- Sentar em bancos
- Sentar no chão
- Jogar à bola
- Desenhar no chão
- Andar de skate
- Andar de bicicleta
- Andar de trotineta
- Brincar
- Conviver/ estar
- Passear
- Praticar desporto

	13/03/03	13/03/09	13/03/14	13/03/15	13/03/16	13/03/28	13/04/23	13/06/16	13/06/17	13/06/19	13/06/22	13/07/22	13/07/31	13/08/25	13/08/28	13/09/10	13/09/14
	domingo	sábado	quinta-feira	sexta-feira	sábado	quinta-feira	terça-feira	domingo	segunda-feira	quarta-feira	sábado	segunda-feira	quarta-feira	domingo	quarta-feira	terça-feira	sábado
10:00h																	
10:30h																	
11:00h																	
11:30h																	
12:00h																	
12:30h																	
13:00h																	
13:30h																	
14:00h																	
14:30h																	
15:00h																	
15:30h																	
16:00h																	
16:30h																	
17:00h																	
17:30h																	
18:00h																	
18:30h																	
19:00h																	

Tabela 4: Dias e horários em que foram realizadas as observações dos espaços públicos dos Pinhais da Foz.

Apesar de toda a área ter sido observada, o foco das observações foi o núcleo de espaços situados na zona noroeste da área de intervenção (ver figura 22), por

serem nestes que ocorre maior atividade. As atividades à noite foram estudadas apenas em alguns dias selecionados entre as 20:00h e a 1:00h da manhã.

4.1.1 Distribuição e frequência de atividades por área.

Relativamente à utilização do espaço público na área dos Pinhais da Foz observou-se que a maior parte das atividades acontecem na zona noroeste do bairro (figura 22) por englobar a maior parte de espaço público com potencial de utilização, isto é, com dimensões ou equipamentos que possibilitam a realização de um maior número de atividades, nomeadamente os espaços 3, 5 e 6. Os espaços localizados a sul da área de estudo são praticamente não utilizados pela população.

A figura 21 sumariza a distribuição e frequência das atividades observadas ao longo do período de observação.

DISTRIBUIÇÃO E FREQUÊNCIA DE ATIVIDADES POR ESPAÇO PÚBLICO NOS PINHAIS DA FOZ AO LONGO DOS 18 DIAS DE OBSERVAÇÃO

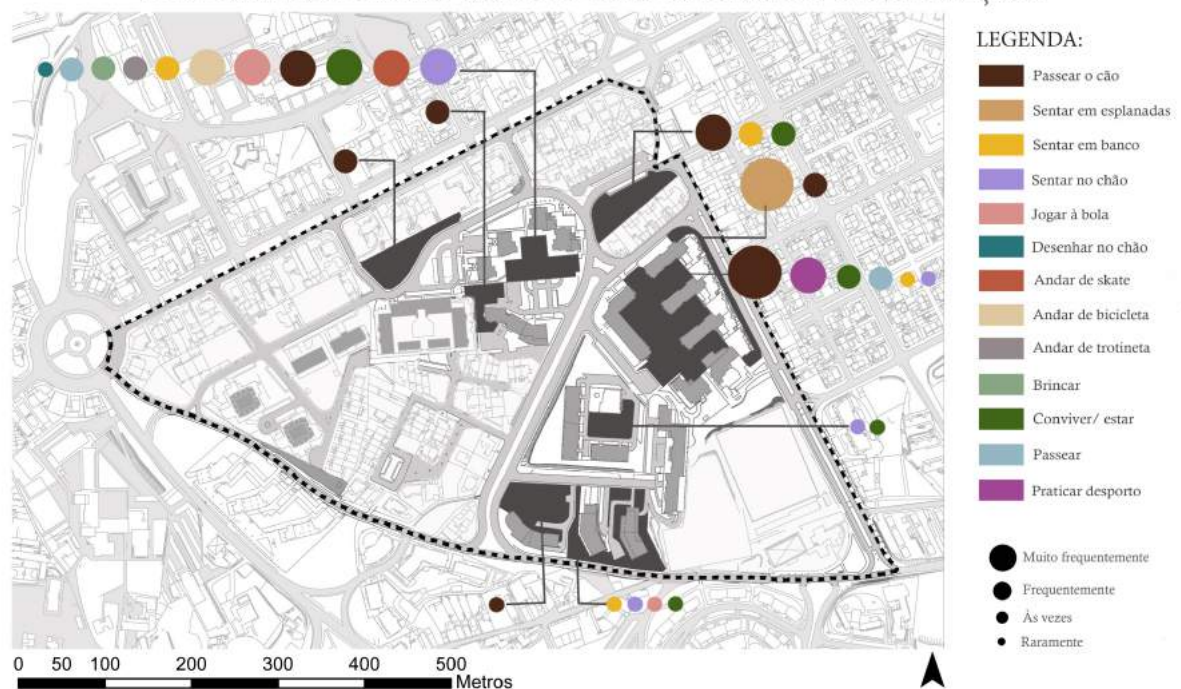


Figura 21: Distribuição e frequência de atividades por espaço público verificadas ao longo dos 18 dias de observação

A cada espaço estão associadas as atividades observadas e a respetiva frequência. A atividade está codificada por cor e a frequência pelo tamanho do

círculo. Muito frequentemente significa que em todos os horários observados do espaço verificou-se a atividade; Frequentemente: Em todos os dias de observação do espaço verificou-se a atividade; Às vezes: Atividades verificadas mais de cinco vezes e menos de dez vezes nos dezoito dias de observação e Raramente: Atividades verificadas menos de cinco vezes nos dezoito dias de observação.

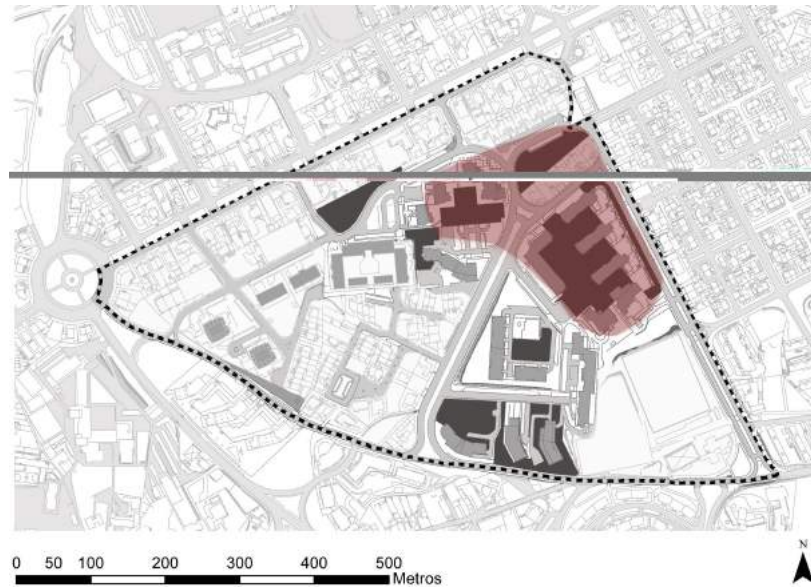


Figura 22: Localização da área onde se verificou maior número de atividades e foco da observação

4.1.2 Resultados principais

O espaço em que se verificou a ocorrência de um maior número de atividades foi o espaço 3, mais conhecido pela população, principalmente pelos jovens, como “quadrado”. Este espaço surge destacado à frente de todos os outros, albergando onze das treze atividades observadas. O período entre as 14h e as 17h é o de maior intensidade de uso, tanto no fim de semana como durante a semana (ver tabela 5 e tabela 6 e figura 25) e as atividades mais verificadas são “conviver” e “sentar no chão” (ver figuras 23 e 24). Seguem-se o espaço 5, correspondente à área comercial, onde é possível encontrar vários cafés com esplanadas que se mantêm durante todo o ano a funcionar e ainda algumas lojas; e o espaço 6, o espaço verde público com maior dimensão dos Pinhais da Foz.

TOTAL DE PESSOAS A PASSAR E A REALIZAR ATIVIDADES POR HORA EM DIA DA SEMANA NO ESPAÇO 3

Espaço	Dia	horário	Total pessoas	total a realizar atividade	total sem atividade	passar cão	sentar no chão	conviver	sentar no banco	brincar	andar de skate	jogar à bola	andar de bicicleta
espaço 3	semana	10:00h - 11:00h	12	0	12								
espaço 3	semana	11:00h - 12:00h	10	0	10								
espaço 3	semana	12:00h - 13:00h	13	0	13								
espaço 3	semana	13:00h - 14:00h	27	7	20	6	1						
espaço 3	semana	14:00h - 15:00h	21	8	13	1	7	7					
espaço 3	semana	15:00h - 16:00h	29	7	22	2	4	4	1				
espaço 3	semana	16:00h - 17:00h	44	8	36	1	4	3	1	3	2		
espaço 3	semana	17:00h - 18:00h	37	5	32	1						4	
espaço 3	semana	18:00h - 19:00h	40	8	32	1	6	4					1

Tabela 5: Total de pessoas a passar e a realizar atividades por hora em dia da semana no espaço 3²

TOTAL DE PESSOAS A PASSAR E A REALIZAR ATIVIDADES POR HORA EM FIM DE SEMANA NO ESPAÇO 3

Espaço	Dia	horário	Total pessoas	total a realizar atividade	total sem atividade	passar cão	sentar no chão	conviver	sentar no banco	brincar	andar de skate	jogar à bola	andar de bicicleta
espaço 3	Fim de semana	10:00h - 11:00h	10	0	10								
espaço 3	Fim de semana	11:00h - 12:00h	11	1	10	1							
espaço 3	Fim de semana	12:00h - 13:00h	9	0	9								
espaço 3	Fim de semana	13:00h - 14:00h	20	3	17	3							
espaço 3	Fim de semana	14:00h - 15:00h	15	4	11	1	3	3					
espaço 3	Fim de semana	15:00h - 16:00h	16	8	8		4	4			2		2
espaço 3	Fim de semana	16:00h - 17:00h	12	6	6	1	3	3					2
espaço 3	Fim de semana	17:00h - 18:00h	9	2	7							2	
espaço 3	Fim de semana	18:00h - 19:00h	14	7	7	3					2	2	

Tabela 6: Total de pessoas a passar e a realizar atividades por hora em fim de semana no espaço 3

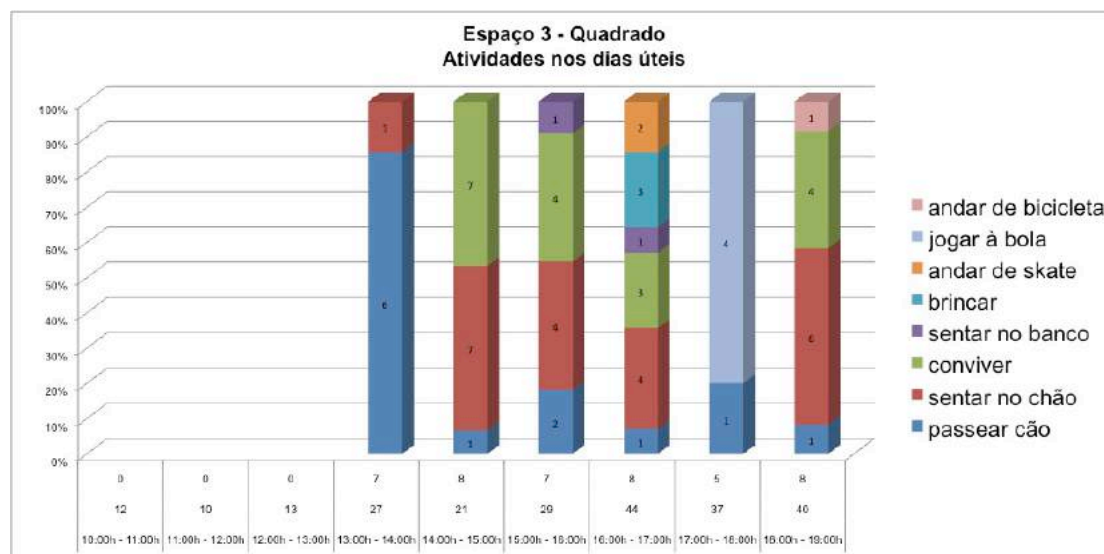


Figura 23: Espaço 3 – Proporção de atividades no quadrado por hora durante a semana.

² Os dados utilizados para as tabelas apresentadas são relativos a dias em que a temperatura estava agradável, por serem dias em que se espera observar mais atividades

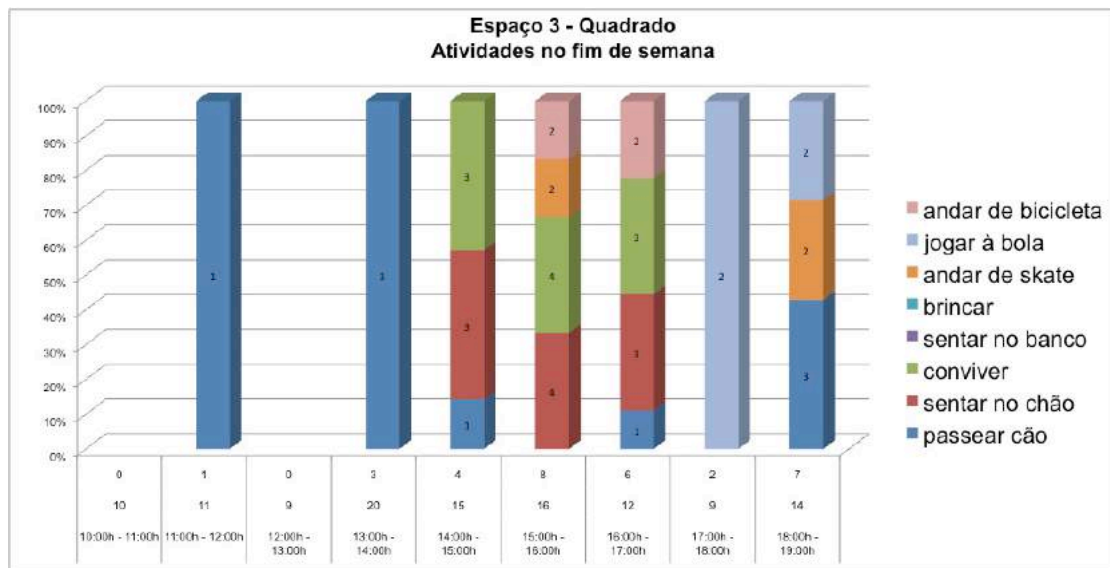


Figura 24: Proporção de atividades no quadrado por hora durante o fim de semana

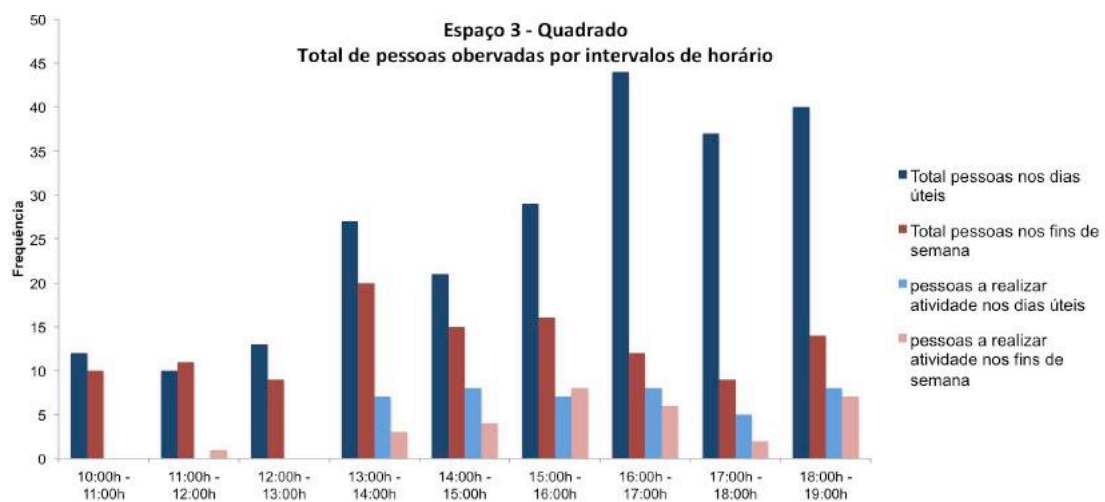


Figura 25: Gráfico do total de pessoas observadas por intervalo de hora no fim de semana e durante a semana no quadrado.

O “quadrado” é procurado maioritariamente por crianças e jovens entre os 12 e os 18 anos e por pais com crianças pequenas (ver figura 30 e 31). Acolhe várias atividades classificadas como recreio ativo, tais como jogar à bola, andar de skate, andar de trotineta, correr, entre outras, que são facilitadas por características como o chão plano e pavimentado, a boa exposição solar e a dimensão. A área do “quadrilátero central” está a uma cota ligeiramente inferior à dos restantes, o que proporciona oportunidade de utilização desse desnível como zona para sentar de forma informal. É comum observar que os pais que trazem os filhos para brincar

nesta área se sentam nos limites deste desnível, enquanto atentamente vigiam as crianças que brincam no quadrado central (ver figura 27). Os jovens que vêm em grupo andar de skate ou bicicleta também optam por se sentar nessa área para conviver enquanto observam os amigos (ver figura 29). Os jovens entre os 14 aos 18 anos utilizam o quadrado para várias atividades, tais como conversar, namorar e fumar (ver figura 26). Para estas atividades as zonas preferencialmente escolhidas são as localizadas à frente das duas “mini torres” que existem nas extremidades da área, de costas para os prédios, onde os jovens ficam normalmente sentados no chão e encostados à parede da torre ou em pé (ver figura 26). Em conversas com os moradores foi referido que esta área também é utilizada à noite principalmente por jovens entre os 15 e os 18 anos. No entanto, durante os dias seleccionados de observação à noite não foram verificadas atividades a decorrer no local.



Figura 26: Jovens a conviver, uma das atividades mais verificadas no quadrado (Fonte: Beatriz Castiglione)



Figura 27: Adultos a brincarem com crianças no espaço 3 (quadrado) (Fonte: Beatriz Castiglione)



Figura 28: Passear e brincar com os cães também foi uma atividade verificada (Fonte: Beatriz Castiglione)



Figura 29: Jovens a andar de skate e bicicleta e a conviver no espaço 3 (quadrado) (Fonte: Beatriz Castiglione)



Figura 30: Pais a jogarem à bola com os filhos no quadrado (Fonte: Beatriz Castiglione).



Figura 31: Desenhos de crianças pequenas no chão do quadrado (Fonte: Beatriz Castiglione).

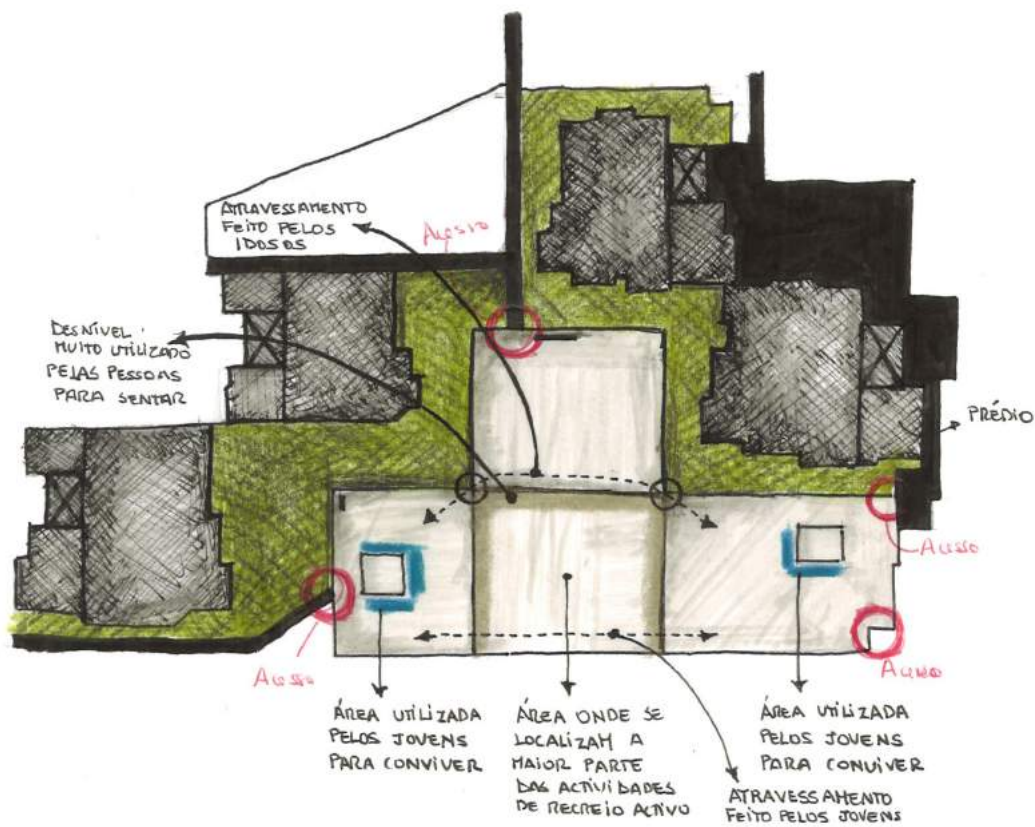


Figura 32: Esquema descritivo das atividades observadas no quadrado (Beatriz Castiglione)

É curioso reparar que apesar de existirem dois bancos no quadrado (ver ficha de caracterização do espaço 3 no ponto 3.3.3 do capítulo III) estes raramente são utilizados. As pessoas preferem sentar-se no degrau entre o quadrado do meio e os restantes ou no chão (ver figura 32). Além da má localização dos bancos (muito próximo das janelas do rés de chão dos edifícios) o desenho dos mesmos também não é o mais confortável pois não proporciona apoio para as costas.

A área comercial (espaço 5) tem uma elevada percentagem de pessoas a sentar-se nas esplanadas (ver figura 33) devido à quantidade de cafés existentes.

Nesta área também é frequente observar pessoas a olharem para as montras das lojas. O período em que se regista maior atividade neste espaço é entre as 17:00h e as 19:00h (ver figura 34). Contudo, esta é a única área que raramente se encontra vazia, sendo intensivamente utilizada durante todo o ano.



Figura 33: Zona comercial com cafés/restaurantes com esplanadas e serviços (Fonte: Beatriz Castiglione)

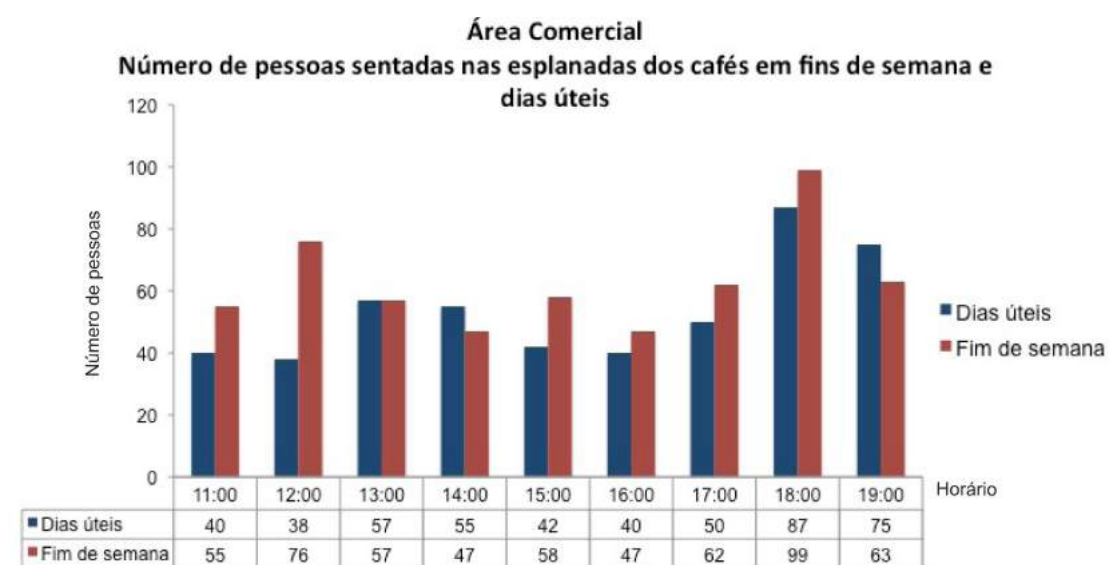


Figura 34: Número de pessoas sentadas nas esplanadas dos cafés em fins de semana e dias úteis na área comercial (espaço 5) dos Pinhais da Foz (a capacidade de carga das esplanadas desta área é de aproximadamente 200 pessoas sentadas).

No espaço 6, o espaço verde público com maior dimensão dos Pinhais da Foz, a atividade dominante é “passear o cão” (ver figura 36). Apesar das suas dimensões, esta área é utilizada maioritariamente como zona de passagem (ver tabelas 7 e 8 e figura 35).

TOTAL DE PESSOAS A PASSAR E A REALIZAR ATIVIDADES POR HORA EM DIA DA SEMANA NO ESPAÇO 6

Espaço	Dia	horário	Total pessoas	total a realizar atividade	total apenas de passagem	passear cão	correr
espaço 6	semana	10:00h - 11:00h	15	3	12	2	1
espaço 6	semana	11:00h - 12:00h	15	0	15		
espaço 6	semana	12:00h - 13:00h	25	5	20	5	
espaço 6	semana	13:00h - 14:00h	39	7	32	7	
espaço 6	semana	14:00h - 15:00h	34	8	26	8	
espaço 6	semana	15:00h - 16:00h	32	5	27	5	
espaço 6	semana	16:00h - 17:00h	30	7	23	6	1
espaço 6	semana	17:00h - 18:00h	21	6	15	6	
espaço 6	semana	18:00h - 19:00h	36	8	28	8	

Tabela 7: Total de pessoas a passar e a realizar atividades por hora em dia da semana no espaço 6

TOTAL DE PESSOAS A PASSAR E A REALIZAR ATIVIDADES POR HORA EM FIM DE SEMANA NO ESPAÇO 6

Espaço	Dia	horário	Total pessoas	total a realizar atividade	total apenas de passagem	passear cão	correr
espaço 6	FDS	10:00h - 11:00h	7	2	5	2	
espaço 6	FDS	11:00h - 12:00h	9	0	9		
espaço 6	FDS	12:00h - 13:00h	8	3	5	3	
espaço 6	FDS	13:00h - 14:00h	14	5	9	5	
espaço 6	FDS	14:00h - 15:00h	17	4	13	4	
espaço 6	FDS	15:00h - 16:00h	18	2	16	2	
espaço 6	FDS	16:00h - 17:00h	15	2	13	2	
espaço 6	FDS	17:00h - 18:00h	14	1	13	1	
espaço 6	FDS	18:00h - 19:00h	14	3	11	3	

Tabela 8: Total de pessoas a passar e a realizar atividades por hora em fim de semana no espaço 6

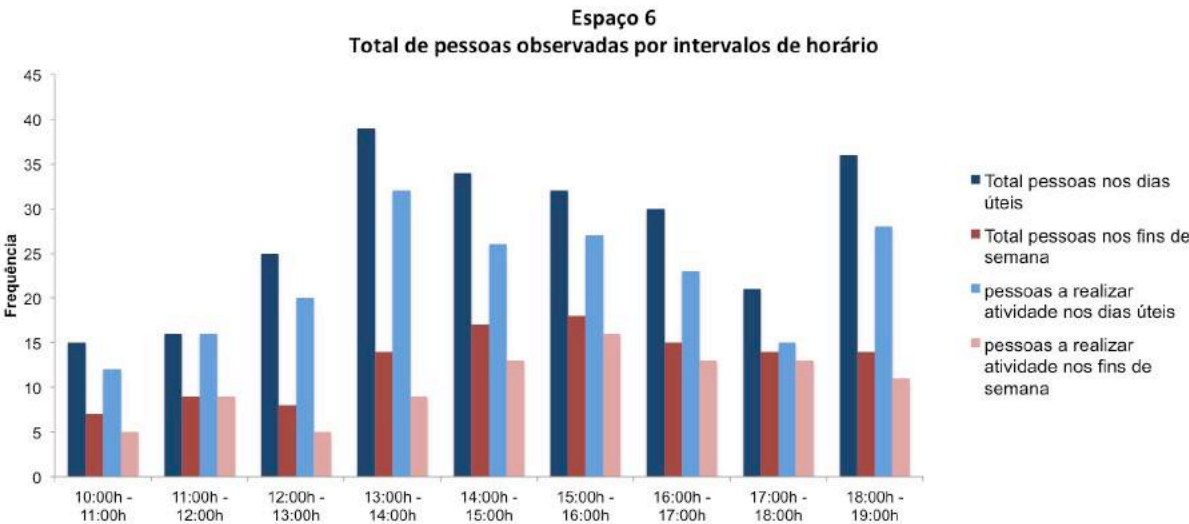


Figura 35: Total de pessoas observadas por intervalos de horário no espaço 6

Muito raramente se encontram pessoas sentadas no relvado de forma informal (figura 38), e mais raro ainda são outras atividades como brincar, jogar à bola ou apenas estar ou conviver (ver figuras 37, 38, 39 e 40).



Figura 36: Passear o cão, atividade mais verificada no espaço 6 (Fonte: Beatriz Castiglione)



Figura 37: Adulto a conviver com criança no espaço 6 (Fonte: Beatriz Castiglione)



Figura 38: Jovens a conviver nos relvados no espaço 6 (Fonte: Beatriz Castiglione)



Figura 39: Família a brincar no espaço 6 (Fonte: Beatriz Castiglione)



Figura 40: Adulto a jogar à bola com criança no espaço 6 (Fonte: Beatriz Castiglione)

Relativamente aos locais preferidos pelas pessoas, a maior parte dos utilizadores não sai do caminho de pedra que liga os três acessos ao jardim (ver figura 41). As áreas relvadas são utilizadas maioritariamente pelos cães, enquanto a praça pavimentada no centro é muitas vezes utilizada pelos donos dos cães para conviverem ou apenas esperarem, enquanto seus cães andam pelos espaços verdes (ver figura 42).

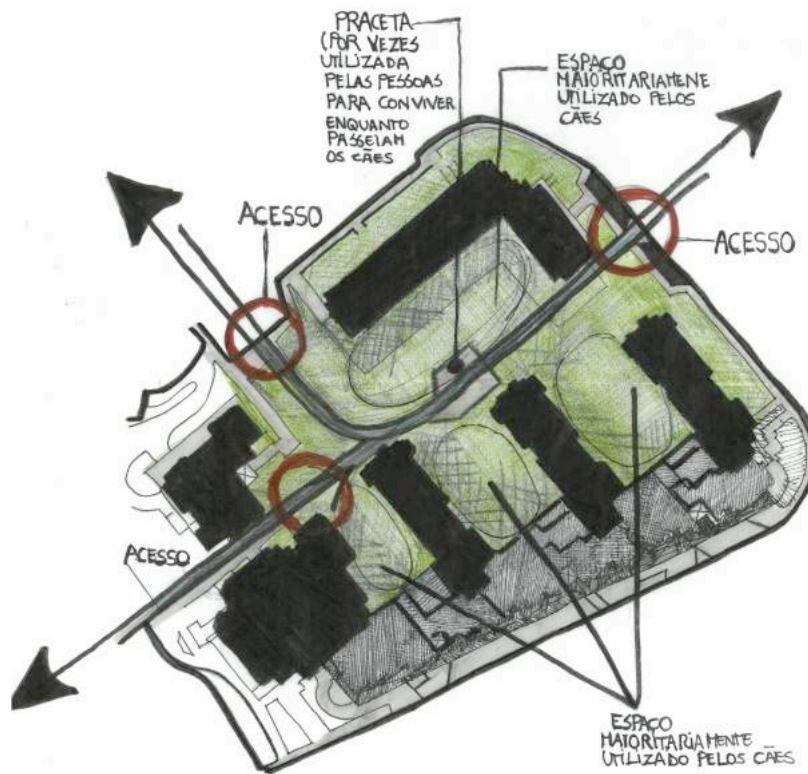


Figura 41: Esquema descritivo do espaço 6 (Beatriz Castiglione)



Figura 42: Donos dos cães na praça do espaço 6 (Fonte: Beatriz Castiglione)

A utilização intensa desta área como lugar para passear o cão tem algumas consequências graves para o espaço que se encontra danificado pelo uso excessivo por parte dos animais e pela sujidade que estes provocam no espaço (ver figura 43). O espaço encontra-se ainda com falta de manutenção. Apesar de existirem dois equipamentos com sacos para as fezes dos cães (ver ficha de caracterização do espaço 6), os moradores reclamam muitas vezes que estes se encontram a maior parte das vezes vazios. Este problema é comum a todos os espaços verdes dos

Pinhais da Foz, sendo possível encontrar nos espaços públicos algumas manifestações dos moradores mais revoltados com esta situação (ver figura 44).



Figura 43: Estado dos relvados devido à utilização intensiva do espaço pelos cães (Fonte: Beatriz Castiglione)



Figura 44: Manifestações de indignação perante a atitude dos donos dos cães com os espaços verdes (Fonte: Beatriz Castiglione)

Relativamente aos outros espaços verdes dos Pinhais da Foz quase todos são utilizados quase exclusivamente para passear o cão, ainda que com menos intensidade do que o espaço 6, definido pelos moradores como “espaço mais

adequado para esta finalidade”. Os restantes espaços públicos dos Pinhais da Foz (1, 2, 7, 8 e 9) são praticamente não utilizados pelos moradores e utentes, tendo sido registadas ao longo dos meses de observação muito poucas atividades, sendo estas “andar de skate” (ver figura 45), jogar à bola (ver figura 47) e conviver.



Figura 45: Jovem a andar de skate no espaço 9 (Fonte: Beatriz Castiglione)



Figura 46: Utilizador a passear o cão no espaço 4 (Fonte: Beatriz Castiglione)



Figura 47: Crianças a jogar à bola acompanhadas dos pais nos arredores do espaço 7 (Fonte: Beatriz Castiglione)

“Sentar em bancos” é uma atividade muito pouco observada em todos os espaços públicos dos Pinhais da Foz, com exceção da área comercial (espaço 5) que possui esplanadas. Isto pode ocorrer em parte por causa da má localização dos bancos existentes e da falta de qualidade dos mesmos. Normalmente, os bancos localizam-se isolados na entrada de edifícios ou em taludes acentuados e de difícil acesso, principalmente para idosos ou pessoas com mobilidade reduzida. Apenas os bancos do jardim Alfredo Keil foram observados a serem utilizados (exclusivamente por jovens). No entanto, em 18 dias de observação esta atividade só foi registada 2 vezes.

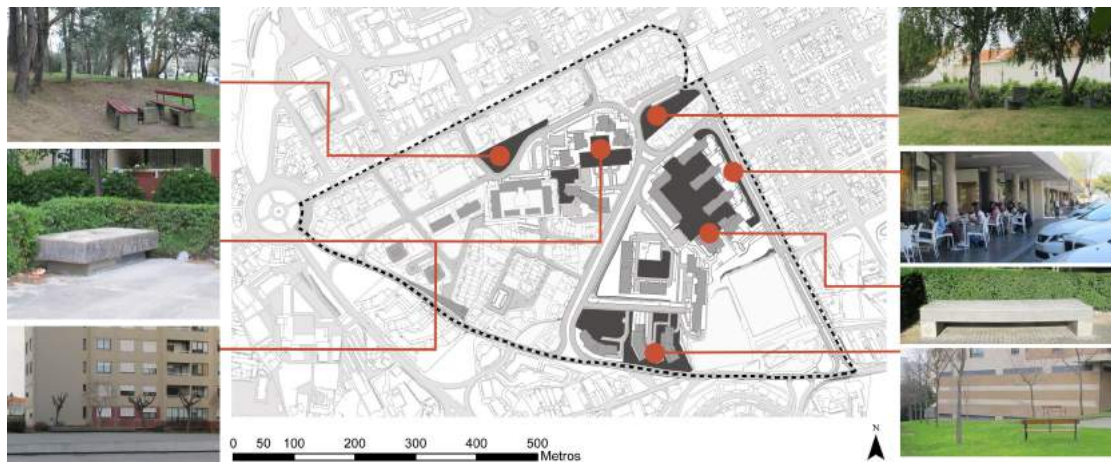


Figura 48: Localização de bancos nos espaços públicos dos Pinhais da Foz

Durante o fim de semana, de uma forma geral, todos os espaços são menos utilizados, com exceção da área comercial (espaço 5).

Durante todo o período de observação os padrões de atividades mantiveram-se os mesmos para todos os espaços. No entanto, durante o período de férias escolares (Junho - Setembro) os espaços do quadrado e da área comercial são ligeiramente mais utilizados, em especial pelos jovens.

À noite a maioria dos espaços não apresenta qualquer tipo de atividade, com exceção do espaço 6 onde ainda é possível ver algumas pessoas a passearem os cães mesmo depois das 22h. Em conversas com os moradores percebeu-se que algumas pessoas utilizam o espaço 6 até depois da 1h da manhã para passear os cães e que os jovens entre os 15 e os 18 utilizam a área do quadrado à noite principalmente para fumar e conviver. Durante a observação à noite apenas se contabilizou um grupo de jovens nas escadas do quadrado a fumar e a andar de skate. A observação foi feita entre a 00:00h e a 1:00h da manhã. Em todas as outras áreas não foi registada qualquer atividade a decorrer. É importante notar que a iluminação do quadrado é insuficiente (ver figura 49), tornando a área num espaço inseguro que pode levar a comportamentos desviantes, como foi relatado por alguns moradores (agressões e consumo de droga).



Figura 49: Espaço 3 (Quadrado) à noite (Fonte: Beatriz Castiglione)

4.2 Questionários

A observação permitiu conhecer como o espaço residencial dos Pinhais da Foz é utilizado. Os questionários pretenderam compreender o porquê dos usos observados e as opiniões, necessidades e expectativas dos utilizadores em relação às áreas públicas dos Pinhais da Foz.

A seguir apresenta-se o questionário aplicado à população residente e presente dos Pinhais da Foz:

QUESTIONÁRIO AVALIAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO RESIDENCIAL NOS “PINHAIS DA FOZ”

Dia: __/__/2013

Hora: __: __h

Local de aplicação da entrevista: _____

1.1. Género:

! Mulher ! Homem

1.2. Idade: _____ anos

1.3. Mora ou trabalha neste bairro?

! Sim ! Não

1.4. Se sim, há quanto tempo? _____ anos

1.5. Profissão: _____

2. Com que frequência utiliza os espaços exteriores públicos dos Pinhais da Foz?

! Muito frequentemente ! Frequentemente ! Às vezes ! Raramente

! Muito raramente

2.1. Normalmente, utiliza os espaços exteriores públicos dos Pinhais da Foz para:

! Passear o cão ! Fazer desporto ! Brincar ! Jogar ! Conviver com os amigos

! Contemplar a paisagem ! Apenas de passagem ! Outros. Quais?

2.2. Qual é o espaço exterior público dos Pinhais da Foz que mais utiliza? Consegue dizer-me porque? _____

2.3 Existe algum motivo que o impeça de utilizar estes espaços mais frequentemente ou de outra forma? Se sim, qual? _____

2.4. O que acha agradável nos espaços verdes dos Pinhais da Foz?

2.5.. O que acha desagradável nos espaços verdes dos Pinhais da Foz?

2.6. Relativamente aos espaços verdes deste bairro, vou pedir-lhe que os avalie de acordo com os seguintes critérios:

1. MANUTENÇÃO

! Fraco ! Razoável ! Bom ! Muito bom ! Excelente

2. LIMPEZA

! Fraco ! Razoável ! Bom ! Muito bom ! Excelente

3. SEGURANÇA

! Fraco ! Razoável ! Bom ! Muito bom ! Excelente

4. APTIDÃO PARA ESTADIA (Jogar, brincar, conversar...)

! Fraco ! Razoável ! Bom ! Muito bom ! Excelente

5. EQUIPAMENTO DISPONÍVEL (bancos, caixotes do lixo, parque infantil, etc)

! Fraco ! Razoável ! Bom ! Muito bom ! Excelente

6. CONFORTO

! Fraco ! Razoável ! Bom ! Muito bom ! Excelente

7. BELEZA

! Fraco ! Razoável ! Bom ! Muito bom ! Excelente

3. Na sua opinião, o que falta nestes espaços (ou o que gostaria de ver nestes espaços)?

! Bancos ! Caixotes do lixo ! Espaço amplo ! Parque infantil

! Outro. Qual? _____

4.. Os seus familiares ou pessoas por quem é responsável costumam utilizar estes espaços?

! Sim ! Não

Porquê? Para quê? _____

5. Acharia mais agradável que as esplanadas dos cafés e restaurantes da área comercial se localizassem voltados para os espaços verdes? Porquê? _____

6. Nos seus tempos livres que espaços verdes/públicos costuma frequentar? Consegue dizer-me porque? _____

! Parque da cidade ! Parque de Serralves ! Parque da Pasteleira

! Marginal da praia ! Praia ! Outros. Quais? _____

4.2.1. Amostra inquirida

Foram inquiridos 100 indivíduos na área de estudo em 8 dias não consecutivos, entre 16 de Junho e 25 Julho de 2013. Foram convidadas a responder ao inquérito todas as pessoas que circulavam na área nos dias de aplicação dos inquéritos. Os inquéritos foram realizados em dias úteis e ao fim de semana, em horários distintos, desde as 10:00h até às 21:00h, de maneira a garantir que a amostra seria a mais representativa possível da população residente/utente. Na tabela 9 apresenta-se o número de inquéritos realizados em cada um dos dias.

Tabela 9. Número de inquéritos realizados, por dia da semana e data

Dia da semana	Data	Nº de inquéritos
Domingo	16/Jun/13	11
Segunda-feira	17/Jun/13	12
Quarta-feira	19/Jun/13	25
Sábado	22/Jun/13	8
Segunda-feira	22/Jul/13	5
Terça-feira	23/Jul/13	17
Quarta-feira	24/Jul/13	14
Quinta-feira	25/Jul/13	8

A observação permitiu perceber que o movimento na área de estudo era mais intenso durante a tarde, pelo que a maioria dos inquéritos foram realizados após as 16:00h. A figura 50 apresenta o total de inquéritos realizados por horários.

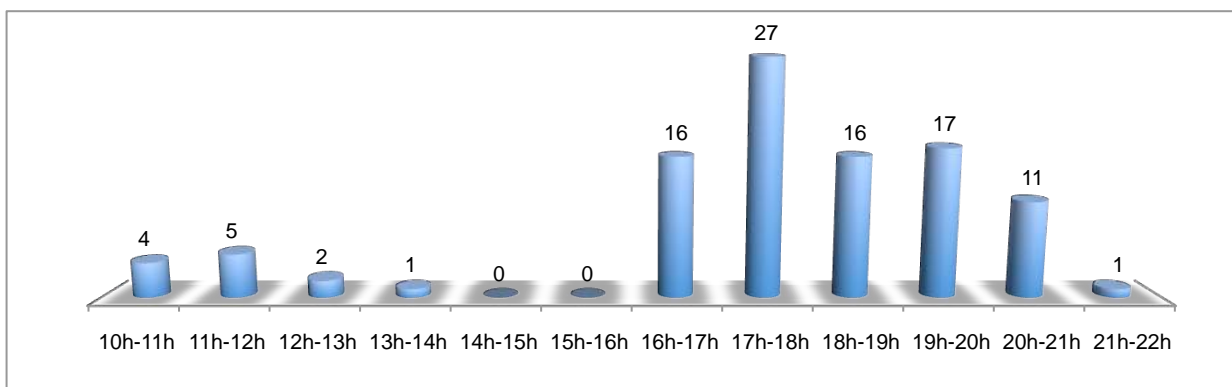


Figura 50. Total de inquéritos realizados por horário

Comparou-se a população inquirida por género e por estratos etários, com a população residente nos Pinhais da Foz (Censo de 2011). Para os homens, a população dos mais velhos (acima de 65 anos) está ligeiramente sub-representada na população inquirida. Para as mulheres, as mais jovens estão sub-representadas na população inquirida e as com idades entre 25 e 64 anos estão sobre-representadas. A figura 51 apresenta as proporções da população por grupo etário e por sexo, tanto da população inquirida como da população residente. Vale realçar que a quase totalidade dos inquiridos (92,9% dos homens e 93,2% das mulheres) eram moradores dos Pinhais da Foz ou das áreas vizinhas.

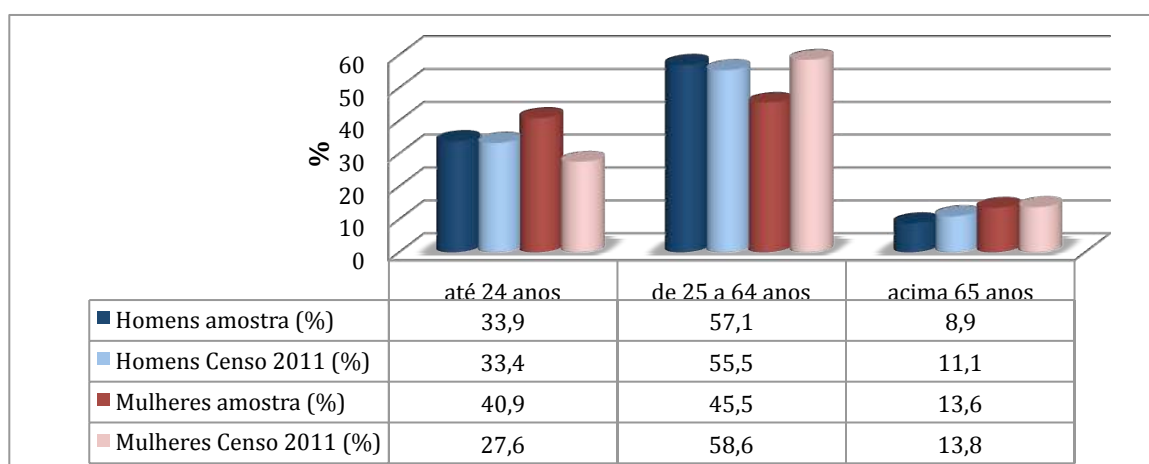


Figura 51. Proporção de pessoas, por grupo etário e género, na população inquirida e no Censo 2011

Para a análise estatística, agruparam-se os dados por estratos etários de maneira a analisar separadamente as respostas dos mais jovens (0 a 14 anos), dos estudantes do secundário (15 a 18 anos), dos estudantes do ensino universitário (19 a 24 anos), dos adultos jovens (25 a 44 anos), dos adultos de meia idade (45 a 64 anos) e dos adultos mais velhos (≥ 65 anos).

4.2.2. Resultados

A idade média de homens inquiridos é 34,1 (DP 19,5) anos e das mulheres é 35,9 (DP 21,3) anos. Não há diferenças estatisticamente significativas com relação ao tempo em que homens e mulheres moram nos Pinhais da Foz: em média, as mulheres moram no local há 11,6 (DP 10,1) anos e os homens há 12,9 (DP 8,3)

anos, $p=0,490$ (teste *t-student* para amostras independentes). A figura 52 mostra a distribuição da população inquirida por grupos etários e género.

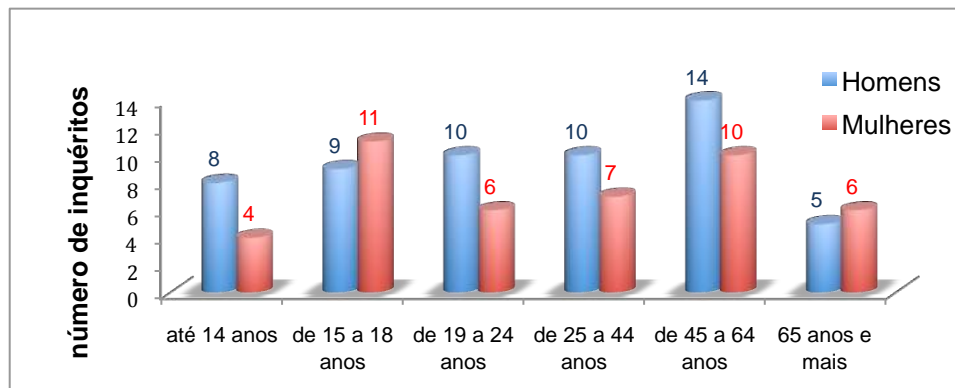


Figura 52. Total de homens e mulheres da amostra, por grupos etários

Quase a metade dos inquiridos (48%) são estudantes, 27% são profissionais qualificados (médicos, engenheiros, advogados, gestores), 15% são pessoas sem atividade económica (donas de casa, desempregados ou reformados) e 10% são profissionais não qualificados (empregados domésticos, comerciantes).

A tabela 10 apresenta diversas características relatadas pela população inquirida, quanto ao uso dos espaços públicos dos Pinhais da Foz. Metade dos homens e quase 60% das mulheres usam os espaços públicos dos Pinhais da Foz com muita frequência; em todos os grupos etários (exceto nos mais jovens) a utilização dos espaços é muito frequente.

Os espaços dos Pinhais da Foz são mais frequentemente usados para conviver com os amigos, tanto pelos homens como pelas mulheres. Mais de 40% das mulheres usa os espaços também para passear os cães. A utilização dos espaços para atividades desportivas foi a opção com menor proporção de respostas. Além das opções de resposta predefinidas no inquérito, os inquiridos mencionaram também a utilização dos espaços para ir ao café, passear ou caminhar e fumar. Cerca de 90% dos mais jovens responderam que usam os espaços exteriores dos Pinhais da Foz para conviver com os amigos e essa proporção diminui com o aumento da idade. Cerca de metade dos adultos acima de 45 anos utiliza os espaços para passear os cães e 45% dos adultos acima de 65 anos utiliza os espaços apenas para contemplar a paisagem. Para o grupo etário dos 25 aos 44 anos, o espaço é mais utilizado para brincar. Os mais jovens não usam o espaço

para contemplar a paisagem e os mais velhos não o usam para jogar, ou fazer desporto.

Dos diversos espaços dos Pinhais da Foz, três destacaram-se como sendo os mais utilizados, com uma grande diferença para todos os demais. A área conhecida como “quadrado” (espaço 3), o maior “espaço verde” (espaço 6) e a área dos “cafés” (espaço 5, zona comercial) foram os três espaços com maior proporção de respostas. O menos relatado foi o espaço 2, reportado apenas por 1 homem. O espaço exterior dos Pinhais da Foz mais utilizado tanto por homens como por mulheres é a área dos cafés. A utilização dos espaços é diferente entre os grupos etários. Os mais jovens e adolescentes até aos 18 anos reportaram o espaço conhecido como “quadrado” como o mais utilizado enquanto nenhuma pessoa do grupo etário mais velho relatou o uso desse espaço. Os adolescentes de 15 a 18 anos usam igualmente o “quadrado” e o espaço dos cafés enquanto que os jovens adultos dos 19 aos 44 anos usam mais o espaço dos cafés. Existem diversos espaços quase sem utilização, entre eles os espaços 2, 8 e 9.

A motivação para usarem os espaços públicos dos Pinhais da Foz é diferente por género: para os homens é a presença de cafés enquanto que para as mulheres é por ser um espaço agradável e próximo de casa. Os homens desvalorizam a tranquilidade e as mulheres a privacidade como motivo para frequentar o espaço público dos Pinhais da Foz. Para os mais jovens, conviver com os amigos é mais frequentemente relatado como um motivo para utilizar os espaços dos Pinhais da Foz e para os mais velhos, a proximidade a casa é a principal razão. A privacidade é um motivo para o uso dos espaços dos Pinhais da Foz descrito apenas por inquiridos adolescentes e adultos jovens e a tranquilidade é um motivo relatado apenas nos dois últimos grupos etários.

Em ambos os sexos, o outro espaço público que os inquiridos mais utilizam é a área marginal junto ao mar e o Parque da Pasteleira o menos utilizado em todos os grupos etários. A área marginal junto ao mar foi o espaço público mais mencionado pelos adultos a partir dos 19 anos e a praia foi o espaço mais mencionado pelos mais jovens. O Passeio Alegre, o Jardim Botânico e a Ribeira também foram espaços reportados, no entanto não constavam da lista pré-definida no inquérito e por essa razão a frequência com que são mencionados não pode ser comparada com a frequência de respostas para os demais espaços públicos.

Nem todas os inquiridos responderam sobre as motivações para utilizar cada uma das áreas dos Pinhais da Foz, mas pelas respostas obtidas percebe-se que o “quadrado” é mais utilizado para atividades física e desportiva por ser plano e amplo, estar próximo das residências e permitir o convívio com os amigos, além de ser um espaço agradável. O espaço verde é usado principalmente por ser adequado para passear os cães, por estar próximo das residências e por ser um espaço agradável e tranquilo e permitir o contacto com a natureza e o convívio com os amigos. A área dos cafés é utilizada especialmente por ser agradável e pela possibilidade de conviver com os amigos, além da proximidade às residências. Estes resultados encontram-se na tabela A.1 do anexo 3.

Calculou-se um indicador de “variedade do uso dos espaços” que consistiu em contar o número de usos diferentes mencionados pelos indivíduos: por exemplo, se uma pessoa respondia que usava o espaço para passear o cão, contemplar a paisagem e fazer desporto, então essa pessoa recebia a pontuação 3 no indicador de variedade do uso dos espaços. A pontuação máxima era oito. Pela análise desse indicador nota-se que quanto menor é a frequência de utilização do espaço, menor é o indicador de variedade de uso (tabela A.2 do anexo 3).

A grande maioria (70%) dos inquiridos respondeu que não tinha motivos para não frequentar os espaços mais assiduamente (tabela A.3 do anexo 3) e dos que reportaram motivos para a não utilização dos espaços dos Pinhais da Foz (19 homens e 11 mulheres) a maior parte referiu a insegurança e a falta de limpeza do local. Os motivos exteriores ao espaço, tais como condições climáticas, falta de tempo, falta de motivação ou falta de autorização dos pais (entre os mais jovens), foram relatados por cerca de 26,3% dos homens e 45,5% das mulheres, como um motivo para não frequentarem o espaço. A insegurança é o principal motivo para que os mais jovens não utilizem os espaços dos Pinhais da Foz com mais frequência, enquanto que para os adultos até aos 64 anos de idade são os fatores externos (chuva, frio) e a falta de limpeza do local (lixo, dejetos de animais). Para os mais idosos, a falta de limpeza é o principal fator que os impede de passarem mais tempo nos espaços dos Pinhais da Foz, bem como a falta de motivação para sair, falta de vontade ou falta de tempo.

Na tabela 11 apresentam-se diversas características relatadas pela população inquirida no que diz respeito à avaliação dos espaços públicos dos Pinhais da Foz. Com relação aos aspectos positivos, a possibilidade de contacto com a natureza foi

o mais frequentemente relatado por homens e mulheres. A tranquilidade da área foi o segundo aspecto positivo mais relatado por ambos os sexos, no entanto a proporção de mulheres (38,6%) que a referiram foi mais do dobro da proporção dos homens (16,1%). A possibilidade de contacto com a natureza foi o aspecto positivo mais relatado em todos os grupos etários, excepto nos mais jovens e nos adultos entre 25 e 44 anos de idade.

Com relação aos aspectos negativos, uma larga proporção de homens (33,9%) e de mulheres (40,9%) não encontra nenhum aspecto negativo nos espaços dos Pinhais da Foz. De todos os aspectos negativos relatados, os dejetos de cães foi o mais reportado, seguido do lixo, tanto para os homens como para as mulheres. Para cerca de 50% dos inquiridos até aos 24 anos de idade, o espaço dos Pinhais da Foz não apresenta aspectos negativos. Essa proporção é mais baixa dos 25 anos em diante, ficando um pouco abaixo dos 30% de inquiridos que não encontram aspectos negativos no espaço dos Pinhais da Foz. Em quase todos os grupos etários, a existência de dejetos de cães, principalmente nas áreas verdes, aparece como o principal problema dos Pinhais da Foz. Para os mais jovens, o lixo e a insegurança são os principais aspectos negativos.

Mais de 40% dos homens e das mulheres responderam que fazem falta bancos nos espaços dos Pinhais da Foz. A existência de um parque infantil e de mais caixotes do lixo também foram identificados por mais de 20% das pessoas, como equipamentos em falta nos espaços públicos dos Pinhais da Foz. Para os mais jovens, a falta de equipamentos de desporto foi o mais relatado enquanto todos os demais grupos etários relataram em maior proporção a falta de bancos. Para o grupo etário dos 25 aos 44 anos, a falta de um parque infantil foi o mais referido.

Do total de participantes, 71% (37 homens e 34 mulheres) disseram que o espaço dos pinhais da Foz é também utilizado por familiares seus. Quando inquiridos sobre a utilização dos espaços dos Pinhais da Foz pelos familiares (tabela A.6 do anexo 3), 35,3% das mulheres afirmaram que estes o usavam para ir ao café enquanto que 27% dos homens afirmaram que os familiares usavam os espaços para passear o cão. A resposta mais frequente entre os mais jovens foi de que os seus familiares usavam os espaços para ir aos cafés.

Foi pedido aos inquiridos que avaliassem os Pinhais da Foz, numa escala de fraco a excelente, para os itens manutenção, limpeza, segurança, aptidão para a estadia (jogar, brincar, conversar), equipamento disponível (bancos, caixotes de lixo,

parque infantil), conforto e beleza (Tabela A.5 do anexo 3). A classificação intermédia de “bom” foi a mais frequentemente atribuída pelos homens para todos os itens, excepto no que se refere a equipamento disponível, que foi mais frequentemente classificado como razoável. Com relação às mulheres, 36,4% classificaram como fraco o equipamento disponível e a limpeza dos espaços. A segurança foi pior classificada pelos mais jovens (até 18 anos) e o equipamento disponível foi o item que piores classificações obteve.

Para a maioria dos homens (64,3%) se as esplanadas estivessem voltadas para os espaços verdes seria mais agradável porque permitiria um maior contacto com a natureza e um afastamento maior do trânsito, mas a maioria das mulheres (54,5%) não acham que seria uma boa opção as esplanadas estarem viradas para os espaços verdes, porque isso tiraria a tranquilidade dos espaços. Em todos os grupos etários, excepto no grupo dos mais velhos, uma maior proporção de pessoas responderam que gostariam de ter as esplanadas dos cafés voltadas para os jardins (tabela 11 e tabela A.7 do anexo 3).

A correlação entre a avaliação dos espaços verdes e o tempo de residência no local foi analisada usando o coeficiente de Spearman, por sexo. Entre os homens, a correlação foi negativa para todos os itens avaliados, excepto para a limpeza sendo estatisticamente significativa apenas para o item conforto ($r=-0,369$; $p=0,007$; $n=53$). Isto significa que quanto mais longo é o tempo de residência no local, pior é a avaliação que os homens fazem do espaço, excepto para o item limpeza. Entre as mulheres, a correlação foi positiva para todos os itens avaliados, excepto para a segurança, sendo estatisticamente significativa para os itens limpeza ($r=0,365$; $p=0,018$; $n=42$) e beleza ($r=0,296$; $p=0,057$; $n=42$). Em resumo, quanto mais longo é o tempo de residência no local, melhor as mulheres avaliam o espaço.

Dos inquiridos que responderam que gostariam de ver os cafés voltados para as áreas verdes dos Pinhais da Foz (tabela A.7 do anexo 3), a maior proporção de homens e mulheres referiu a possibilidade de ter uma vista bonita e ficar mais afastado do barulho e poluição dos carros. Analisando as respostas por grupo etário, o mesmo padrão de respostas persiste: a maior proporção de pessoas em todos os grupos etários relatam que gostariam de ter as esplanadas voltadas para as áreas verdes por causa da vista ou para estar mais afastados do ruído e poluição causados pelos carros.

Mais de 60% dos homens e das mulheres que disseram não querer que as esplanadas dos cafés fossem voltadas para os espaços verdes (tabela A.8 do anexo 3), deram como motivo o facto de que acabaria com a tranquilidade dos espaços verdes. Por grupo etário a perda da tranquilidade dos espaços verdes é a razão mais declarada pelos inquiridos. Entre os 25 e os 64 anos de idade, a segunda causa mais frequentemente relatada é a perda de privacidade que as esplanadas dos cafés poderiam provocar.

Tabela 10. Características da população inquirida quanto ao uso dos espaços públicos dos Pinhais da Foz

	Homens (n=56)	Mulheres (n=44)	até 14 anos (n=12)	15 a 18 anos (n=20)	19 a 24 anos (n=16)	25 a 44 anos (n=17)	45 a 64 anos (n=24)	65 anos e mais (n=11)
Com que frequência usa Pinhais da Foz	%	%	%	%	%	%	%	%
Muito frequentemente	50,0	59,1	33,3	45,0	43,8	35,3	87,5	63,6
Frequentemente	30,4	25,0	50,0	25,0	37,5	35,3	4,2	36,4
Às vezes	16,1	9,1	16,7	25,0	12,5	11,8	8,3	0,0
Raramente	3,6	6,8	0,0	5,0	6,3	17,6	0,0	0,0
Muito raramente	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Utilização dos espaços exteriores								
passar o cão	21,4	40,9	16,7	10,0	18,8	29,4	54,2	45,5
fazer desporto	21,4	9,1	41,7	30,0	18,8	0,0	8,3	0,0
brincar	12,5	15,9	16,7	15,0	0,0	41,2	8,3	0,0
jogar	8,9	2,3	25,0	15,0	0,0	0,0	0,0	0,0
conviver com amigos	53,6	43,2	83,3	95,0	56,3	35,3	16,7	9,1
contemplar a paisagem	10,7	15,9	0,0	10,0	0,0	5,9	20,8	45,5
apenas de passagem	30,4	27,3	8,3	20,0	37,5	35,3	33,3	36,4
ir ao café	12,5	11,4	0,0	0,0	12,5	11,8	20,8	27,3
passar/andar	3,6	11,4	0,0	0,0	0,0	5,9	12,5	27,3
fumar	3,6	0,0	0,0	10,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Qual ou quais os espaços que utiliza								
2	1,8	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	4,2	0,0
3	37,5	29,5	75,0	65,0	25,0	35,3	8,3	0,0
4	8,9	4,5	8,3	0,0	12,5	0,0	4,2	27,3
5	51,8	43,2	25,0	65,0	62,5	41,2	45,8	36,4
6	26,8	43,2	16,7	5,0	18,8	35,3	66,7	54,5
7	5,4	4,5	0,0	5,0	6,3	0,0	8,3	9,1
8 e 9	3,6	2,3	0,0	0,0	0,0	0,0	12,5	0,0
Qual ou quais as razões porque usa os espaços dos Pinhais da Foz								
desporto/atividade física	16,1	4,5	33,3	5,0	12,5	5,9	12,5	0,0
adequado para passear cão	7,1	9,1	8,3	0,0	0,0	17,6	12,5	9,1
conviver com amigos	10,7	18,2	33,3	35,0	6,3	0,0	8,3	0,0
espaço agradável	10,7	34,1	8,3	20,0	18,8	17,6	33,3	18,2
espaço amplo e plano	12,5	9,1	25,0	10,0	6,3	5,9	8,3	18,2
existência de cafés	32,1	25,0	8,3	30,0	31,3	35,3	37,5	18,2
privacidade	7,1	0,0	0,0	10,0	12,5	0,0	0,0	0,0
proximidade	14,3	27,3	8,3	10,0	18,8	29,4	16,7	45,5
tranquilidade	5,4	4,5	0,0	0,0	0,0	0,0	16,7	9,1
outros	3,6	2,3	0,0	5,0	6,3	0,0	4,2	0,0
Que outros espaços verdes que utiliza								
Marginal da praia	64,3	65,9	50,0	55,0	87,5	58,8	62,5	81,8
Parque da Cidade	58,9	43,2	75,0	40,0	50,0	47,1	62,5	36,4
Parque da Pasteleira	19,6	18,2	0,0	25,0	25,0	23,5	16,7	18,2
Parque de Serralves	26,8	38,6	25,0	30,0	25,0	47,1	33,3	27,3
Praia	50,0	38,6	75,0	70,0	37,5	58,8	25,0	0,0
Passeio Alegre	1,8	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	4,2	0,0
Jardim botânico	0,0	2,3	0,0	0,0	0,0	5,9	0,0	0,0
Ribeira	3,6	2,3	0,0	0,0	0,0	0,0	4,2	18,2

Tabela 10: Características da população inquirida quanto ao uso dos espaços públicos dos Pinhais da Foz

Tabela 11. Avaliação dos espaços públicos dos Pinhais da Foz, pela população

	Homens (n=56)	Mulheres (n=44)	até 14 anos (n=12)	15 a 18 anos (n=20)	19 a 24 anos (n=16)
Quais os aspectos positivos dos Pinhais da Foz					
agradável	3,6	6,8	8,3	10,0	12,5
amplitude	1,8	2,3	0,0	0,0	0,0
beleza	14,3	9,1	33,3	15,0	12,5
boa qualidade	3,6	9,1	8,3	5,0	6,3
contato com natureza	48,2	47,7	16,7	45,0	50,0
limpeza	5,4	4,5	16,7	0,0	0,0
tranquilidade	16,1	38,6	25,0	15,0	12,5
não sabe	7,1	6,8	8,3	20,0	0,0
outros	12,5	6,8	8,3	0,0	12,5
Quais os aspectos negativos dos Pinhais da Foz					
animais soltos	3,6	2,3	0,0	0,0	6,3
dejetos de animais	26,8	29,5	8,3	25,0	6,3
espaços urbanos	3,6	0,0	0,0	0,0	6,3
falta equipamentos	0,0	2,3	0,0	0,0	6,3
falta estacionamento	1,8	4,5	0,0	0,0	6,3
insegurança	10,7	4,5	16,7	5,0	12,5
lixo	10,7	15,9	16,7	20,0	6,3
meteorologia	10,7	6,8	0,0	15,0	12,5
pavimentos irregulares	0,0	2,3	0,0	0,0	0,0
espaços mal cuidados	0,0	2,3	0,0	0,0	0,0
espaços de passagem	1,8	0,0	0,0	0,0	0,0
trânsito	7,1	4,5	8,3	5,0	6,3
nada	33,9	40,9	50,0	40,0	50,0
O que é que faz falta nos Pinhais da Foz					
bancos	42,9	45,5	16,7	50,0	43,8
caixotes de lixo	21,4	29,5	16,7	20,0	12,5
Equipamento desporto	14,3	4,5	33,3	20,0	6,3
espaços amplos	12,5	9,1	8,3	5,0	18,8
esplanadas	3,6	2,3	0,0	5,0	0,0
parque infantil	25,0	31,8	16,7	15,0	18,8
segurança	3,6	2,3	0,0	0,0	0,0
outro	1,8	0,0	0,0	0,0	0,0
Os familiares usam os Pinhais da Foz					
Não	33,9	22,7	35,0	56,3	23,5
Sim	66,1	77,3	65,0	43,8	76,5
Tem preferência para ter as esplanadas voltadas para o jardim					
Sim	62,5	47,7	83,3	50,0	62,5
Não	37,5	52,3	16,7	50,0	37,5

Tabela 11: Avaliação dos espaços públicos dos Pinhais da Foz, pela população inquirida

4.3 Discussão dos resultados

A utilização de um mesmo espaço público por diferentes grupos de pessoas com diferentes interesses origina muitas vezes situações de conflitos de uso. Nos espaços públicos dos Pinhais da Foz esta situação acontece em diversas áreas. Ao longo dos meses de observação foram feitas várias entrevistas informais aos moradores nos dias de observação onde foram reportados conflitos, originados pela convivência (ou ausência de convivência) dos diferentes grupos de utilizadores.

Relativamente ao espaço 6 os grandes utilizadores deste espaço são as pessoas que passeiam os cães, sendo os relvados intensivamente utilizados pelos animais, o que acaba por inibir o uso da área para outras atividades pelo fato dos relvados se encontrarem permanentemente sujos por dejetos de animais. Vários residentes e não residentes manifestaram a sua indignação perante esta situação. Os jardineiros responsáveis pela manutenção do espaço reclamaram ainda da falta de envolvimento da população na manutenção do espaço, não contribuindo para a limpeza do mesmo, principalmente no que toca aos dejetos de animais.

Ainda relativamente ao espaço 6 quando confrontados com a hipótese das esplanadas dos cafés da área comercial passarem a situar-se nos relvados, muitos utilizadores responderam que seria uma situação bastante agradável por proporcionar a vivência do espaço verde e porque a atual localização é desagradável uma vez que está voltada para a estrada e os estacionamento de carros. Enquanto outros, especialmente os moradores dos prédios à volta, embora reconhecessem o interesse desta situação, manifestaram-se contra porque tiraria a tranquilidade da área, característica que mais apreciavam.

A falta de equipamentos também foi muito mencionada pelos utilizadores desde o início, especialmente os idosos e as pessoas com problemas de mobilidade. Em contrapartida, uma minoria dos utilizadores argumentaram serem contra os equipamentos na área pois essa situação traria mais agitação ao espaço público e poderia facilitar comportamentos desviantes, sobretudo à noite, afetando a segurança do espaço.

Por último, no quadrado observaram-se algumas situações de conflito de uso relativamente às crianças pequenas que utilizam o espaço para brincar e jogar e os jovens mais velhos que usam o espaço para conviver e fumar. As crianças do grupo dos 10 aos 12 anos afirmavam que a presença dos grupos de jovens a fumar nas

torres do quadrado era um motivo que os impedia de utilizar o espaço porque se sentiam inseguros.

O estudo dos padrões de atividades observados em cada uma das áreas selecionadas não define completamente o uso do espaço público dos Pinhais da Foz, mas funciona como um bom indicador do tipo de atividades que nele se realizam.

Convém referir ainda que as atividades nunca preenchem a capacidade dos espaços e nem nas “horas de ponta” a utilização pode ser considerada intensa. De uma forma geral os espaços públicos dos Pinhais da Foz são subutilizados, tendo em conta o seu potencial.

O quadrado (espaço 3), apesar de ser uma área esteticamente pouco interessante, é a que melhor cumpre as funções para as quais em princípio terá sido projetado. As suas características físicas permitem aos jovens dar-lhe o uso que querem (é plano para as crianças brincarem e os jovens andarem de skate), possui oportunidade para os utilizadores se sentarem informalmente perto da área central e a existência das duas “minitorres” localizadas em cada uma das extremidades da parte da frente permite aos jovens uma área abrigada onde podem “ver sem ser vistos”, característica adequada para adquirir a privacidade que alguns jovens referiram como essencial ao seu bem-estar no espaço público. A preferência dos jovens por este tipo de localização pode ser explicada em parte pela teoria de Jay Appleton, “Prospect and Refuge Theory” (APPLETON, 1975) que, baseada na teoria do habitat de Darwin (DARWIN, 1958), diz que a nossa resposta aos espaços está ligada a necessidades básicas de proteção e sobrevivência, isto é, a capacidade/possibilidade de ver (prospect) mas não ser visto (refuge) aumenta a perceção de segurança o que aumenta a experiência de prazer no ambiente (RAMANUJAM, 2006).

Relativamente ao espaço 6 a utilização que lhe é dada pode ser considerada um “desperdício”, uma vez que esta é a maior área verde dos Pinhais da Foz e corresponde a um espaço com enorme potencial para diversas atividades como brincar, contemplar, estar, etc. Uma explicação para a falta de utilização desta área é a falta de equipamentos (por exemplo bancos) que foi muito relatada pela população, principalmente idosos, a sujidade por causa da utilização intensa da área pelos cães e o descuido que o espaço apresenta, que o torna desagradável.

As únicas atividades que acontecem muito frequentemente nestes espaços são “passear o cão” e “sentar em esplanadas”. Uma outra explicação para a pouca utilização dos espaços públicos dos Pinhais da Foz pode estar relacionado com o facto de esta ser uma área localizada na proximidade de grandes áreas livres de estadia da cidade, nomeadamente a fundação de Serralves, o Parque da Pasteleira e a marginal da foz e de se tratar de uma população de classe média alta com acesso a boas oportunidades de lazer, o que faz com que as necessidades de contacto com a natureza e recreio ao ar livre desta população sejam mais facilmente supridas do que as das pessoas que vivem longe destas áreas e consequentemente acabam por utilizar mais os espaços públicos próximos das suas habitações.

A questão da segurança também foi muito referida pelos moradores nas entrevistas como um fator limitante na utilização dos espaços públicos residenciais (ver mapas de criminalidade dos Pinhais da Foz no anexo 6).

Uma vez que espaços públicos bem sucedidos se avaliam através do uso diário das pessoas (HAILING et al, 2009) pode-se concluir que nos Pinhais da Foz estes não servem as funções que supostamente deveriam servir, uma vez que de uma forma geral, são espaços com pouco sucesso.

CAPÍTULO V: Proposta

O estudo do uso dos espaços públicos dos Pinhais da Foz, realizado através de observação, questionários e entrevistas abertas permitiram conhecer a vivência destes espaços e definir alguns dos principais conflitos de uso existentes em cada um, bem como as suas oportunidades e constrangimentos. Os dados provenientes do trabalho de campo em conjunto com a informação obtida na revisão bibliográfica, permitiram a elaboração de uma proposta de intervenção para os espaços públicos dos Pinhais da Foz que visa responder aos objetivos traçados no início da investigação e dar uma nova vivência ao bairro, potenciando novos usos em alguns espaços e gerindo o conflito existente em outros.

No seu estudo sobre o comportamento das pessoas nos espaços públicos de Nova York “The social life of small urban spaces” Whyte (1980) identificou como elementos que tornam os espaços públicos eficazes a boa exposição solar, a presença de bancos confortáveis e bem localizados, a presença de árvores, a presença de água e a presença de comida. Jan Ghel (2004) refere doze critérios para a obtenção de espaços públicos de sucesso: 1) proteção contra o tráfego, 2) segurança, 3) proteção contra experiências sensoriais desagradáveis, 4) espaços para caminhar, 5) espaços de permanência, 6) locais para sentar, 7) oportunidades de conversar, 8) locais para se exercitar, 9) escala humana, 10) possibilidade de aproveitar o clima e 11) boa experiência sensorial e 12) Possibilidade de observar.

Avaliando os espaços públicos dos Pinhais da Foz segundo os princípios destes dois autores depreende-se que estes não são bem conseguidos, uma vez que apesar de cumprirem alguns princípios, como por exemplo a grande área de espaços verdes disponíveis, uma boa circulação pedonal e a existência de uma área comercial com lojas e esplanadas de cafés, falham em muitos pontos importantes. Entre as principais falhas detetadas nos espaços públicos dos Pinhais da Foz destacam-se a má localização dos bancos, a falta de lugares para sentar nos espaços verdes, a falta de interesse cénico das ruas, a falta de iluminação, a má localização das esplanadas que estão voltadas para o tráfego automóvel e a falta de exposição solar e limpeza de alguns espaços verdes. Isto faz com que de uma forma geral estes espaços sejam subutilizados, tendo em conta o seu potencial.

Posto isto, esta proposta consiste basicamente na colmatação das falhas detetadas nos espaços públicos dos Pinhais da Foz e na criação de novos espaços mais úteis e adaptados às necessidades e expectativas dos seus utilizadores, de acordo com os resultados obtidos no inquérito à população. Para este efeito foi também avaliada a aptidão de cada um dos espaços tendo em conta as suas características, localização e utilização atual.

O plano geral (ver figura 53) apresenta as principais estratégias a adotar numa primeira fase de intervenção nos espaços públicos dos Pinhais da Foz. Foram selecionadas três áreas (indicadas na figura 54) para apresentar de forma mais detalhada as soluções propostas (denominadas de “área 1”, “área 2” e “área 3”).

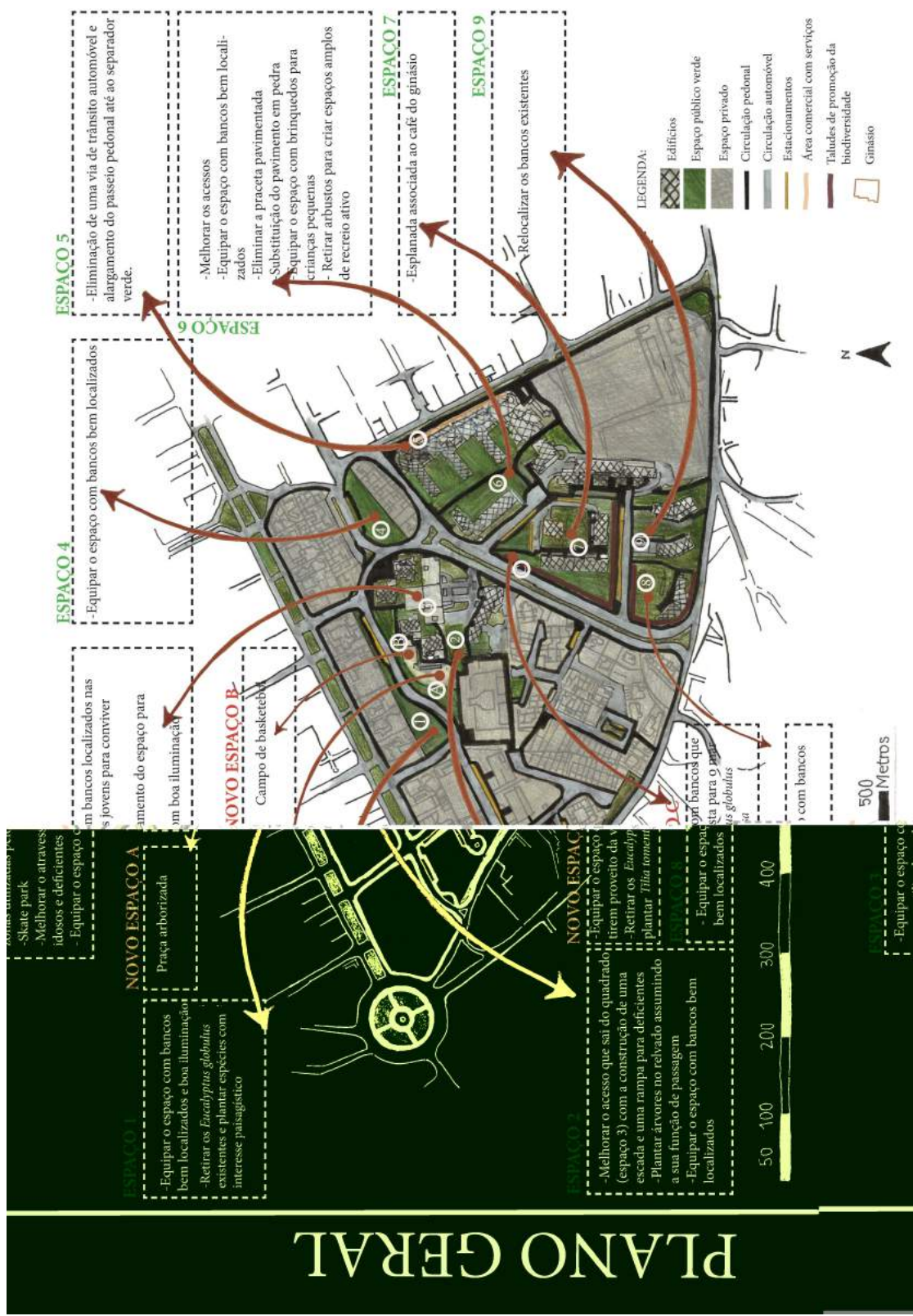


Figura 53: Plano geral da proposta de requalificação dos espaços públicos dos Pinhais da Foz (Beatriz Castiglione)

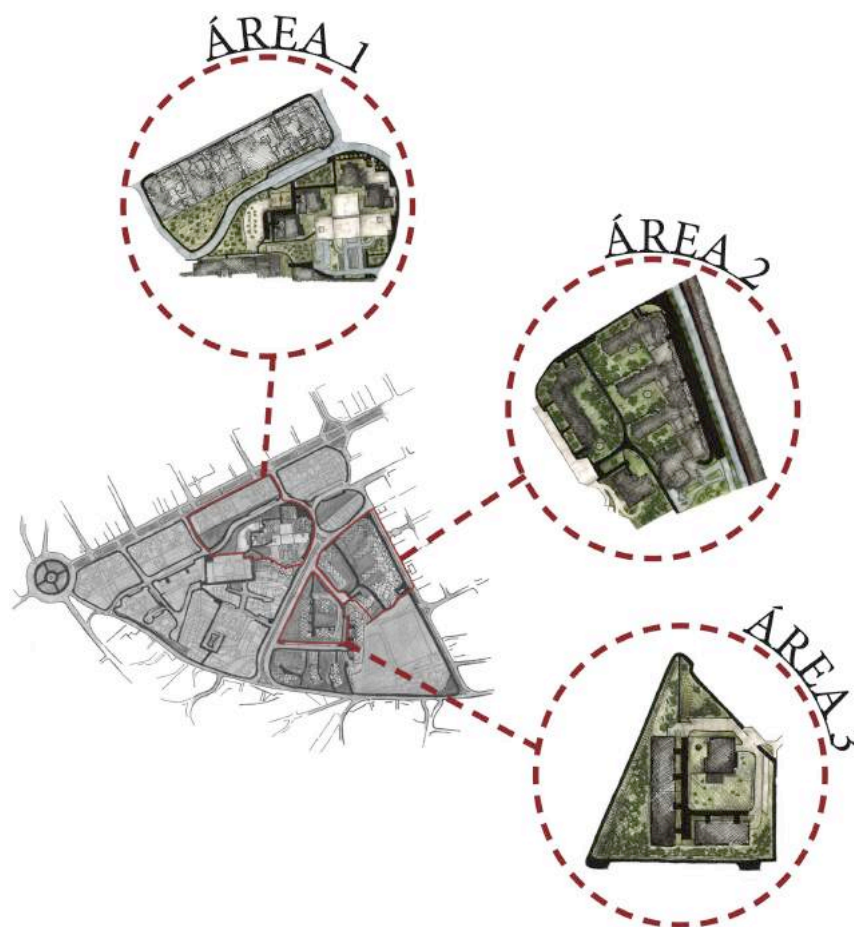


Figura 54: Áreas de intervenção mais específica

5.1 Proposta para a circulação pedonal nos Pinhais da Foz

Segundo Jan Ghel (2004) um dos fatores determinantes de um bom espaço público é a existência de espaços para caminhar. Estes espaços devem ter fachadas interessantes, ausência de obstáculos, superfícies regulares e serem acessíveis a todos.

Os Pinhais da Foz possuem boas ligações pedonais tanto no sentido norte-sul como este-oeste (ver figura 55), não havendo grandes situações de conflito ou congestionamento. No entanto, foram detetados alguns caminhos de pé posto (ver figura 55) que indicam que as ligações entre os espaços são deficientes em alguns pontos.

CIRCULAÇÃO PEDONAL E IDENTIFICAÇÃO DOS CAMINHOS DE PÉ POSTO “OFICIALIZADOS” NA PROPOSTA



Figura 55: Circulação pedonal e identificação dos caminhos de pé posto “oficializados” na proposta

Outro problema detetado está relacionado com a falta de interesse cénico que muitas ruas apresentam, ladeadas por parques de estacionamento ou por taludes mal tratados. No espaço 6 o pavimento é de pedra irregular provocando situações de desconforto e até mesmo de insegurança principalmente para idosos e deficientes. O espaço 3 (quadrado), por sua vez, não possui condições mínimas para o atravessamento de pessoas com mobilidade reduzida. A solução para estas falhas é apresentada mais à frente na descrição da proposta de cada área. Relativamente aos caminhos de pé posto propõe-se a sua pavimentação, havendo sempre o cuidado de utilizar pisos regulares e seguros.

5.2 Proposta para os taludes e separadores dos Pinhais da Foz

Os taludes mais inclinados e separadores de ruas, uma vez que não desempenham nem apresentam aptidão para função de estadia, podem ser trabalhados de forma a melhorar a sua função ecológica e de enquadramento. Para isso, propõe-se a suavização dos taludes mais inclinados (ver plano geral) e a sua

plantação com espécies promotoras da biodiversidade, nomeadamente autóctones. Uma vez que no caso dos Pinhais da Foz estes espaços se encontram associados a grandes áreas verdes (nomeadamente os espaços 1, 2, 6, 7, 8 e 9) podem ainda funcionar como ligações que criam corredores verdes (ver figura 56). Assim, propõe-se a plantação de espécies arbustivas com raízes que ajudem a sua fixação. É importante salientar também a importância de uma boa composição estética que melhore a qualidade visual das ruas, funcionando como uma motivação para caminhar nelas.

INDICAÇÃO DO CORREDOR VERDE DOS PINHAIS DA FOZ



Figura 56: Indicação do corredor verde dos Pinhais da Foz

5.3 Proposta para a ÁREA 1

A “área 1” é composta pelos espaços 1, 2 e 3 (ver figura 57). Para esta área propõe-se um novo espaço público que corresponde a uma expansão do quadrado (espaço 3), área onde se verificou a maior variedade de atividades durante as observações.

PLANO GERAL ÁREA 1 - Solução 1

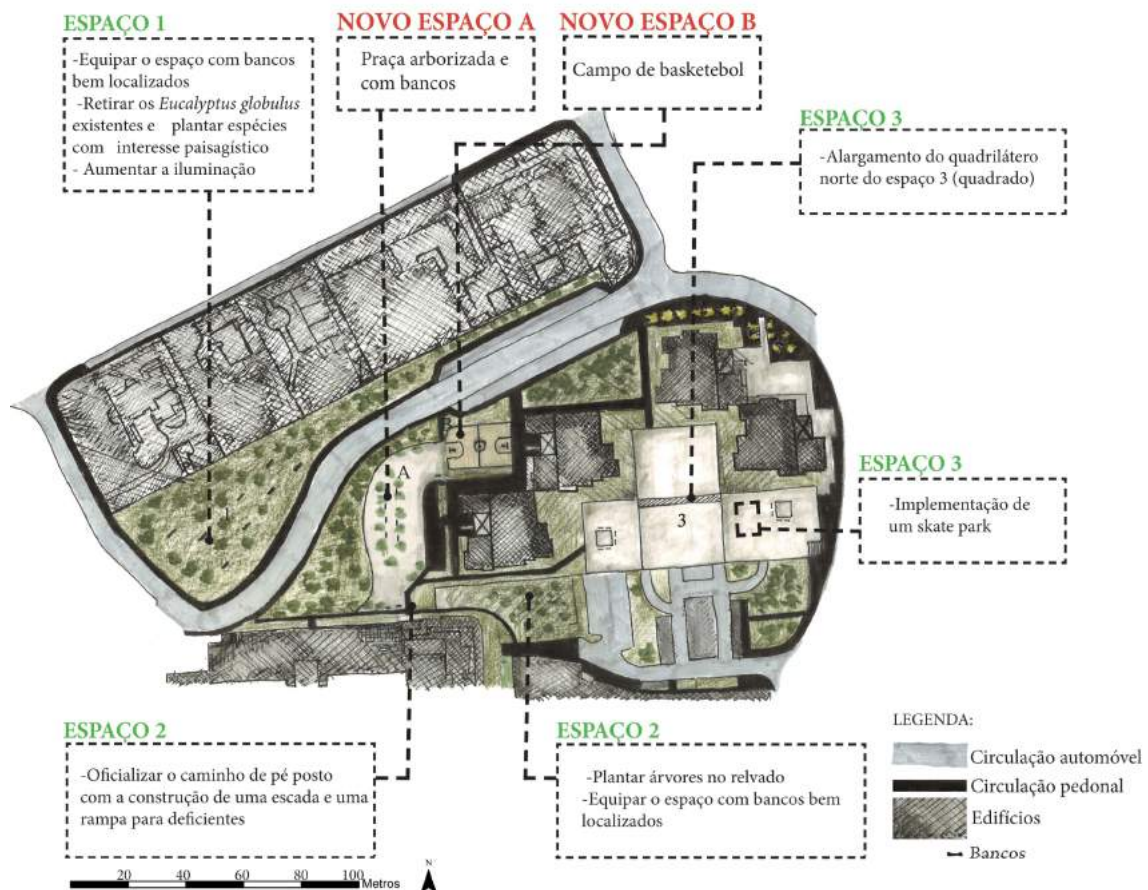


Figura 57: Plano geral área 1 – Solução 1 (Beatriz Castiglione)

A oeste do espaço 3 propõe-se a eliminação dos separadores de rua e estacionamentos existentes para a criação de uma nova praça arborizada e equipada com bancos aproveitando a vegetação arbórea existente no local (ver figura 57, novo espaço A). Pretende-se que esta praça seja um lugar de encontro e para isso propõe-se que seja equipada com mobiliário urbano que convide as pessoas a interagir. A nova praça destina-se a ser usada pelos jovens uma vez que cria espaços de privacidade desejados por esta faixa etária e pode ainda funcionar como um lugar de descanso e contemplação para os idosos. Deverá possuir uma boa iluminação para evitar problemas de insegurança durante a noite e poder ser utilizada em vários horários. A este da praça propõe-se a instalação de um campo

de basketbol no antigo estacionamento (novo espaço B), que procura satisfazer o desejo dos jovens, manifestado nos inquéritos, de possuir mais equipamentos desportivos. Para Ghel (2004), haver lugares para se exercitar no espaço público é um dos critérios de qualidade. Recentemente, no Chile, diversos equipamentos desportivos têm sido disponibilizados nas praças de Santiago com o objetivo de incentivar um estilo de vida menos sedentário (GAETE, 2013). Em Portugal esta solução também tem vindo a ser adotada em alguns lugares como Esposende, Ponte da Barca e na área residencial de Telheiras, em Lisboa (ver anexo 4).



Figura 58: “Situação existente” (em cima) e “situação proposta” (em baixo) da nova praça arborizada (novo espaço A) (Beatriz Castiglione)

Para o quadrado (espaço 3) propõe-se a colocação de bancos nas zonas preferencialmente utilizadas pelos jovens para conviver. No quadrilátero do lado direito propõe-se a implementação de um skate park. Propõe-se também a expansão do quadrilátero mais a norte e a colocação de rampas de acesso à área

central de cota inferior, de forma a melhorar a acessibilidade desta área (ver figura 59).

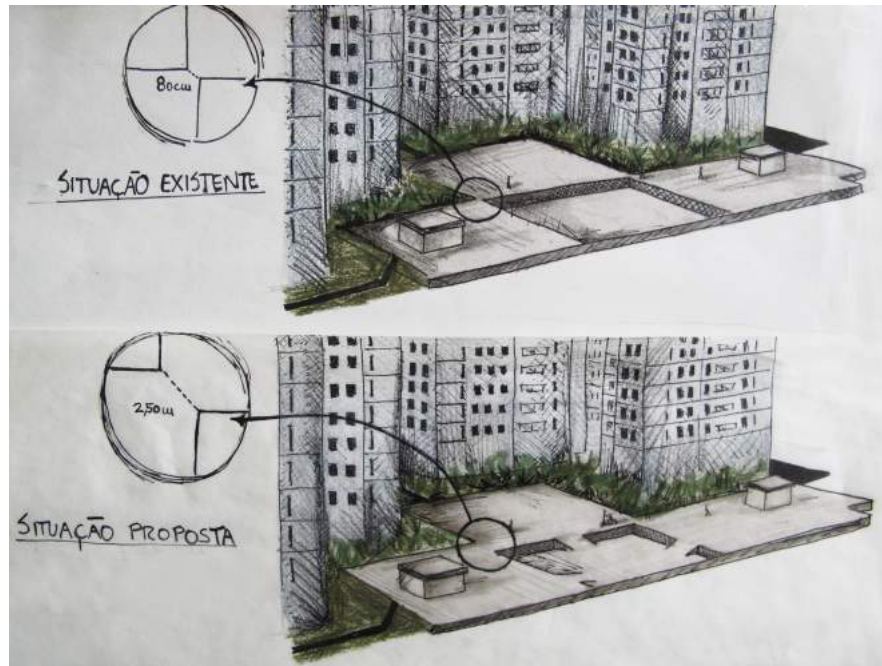


Figura 59: Esquema ilustrativo da proposta para melhorar a acessibilidade do quadrado (Beatriz Castiglione)

Relativamente ao espaço 1 propõe-se a retirada dos *Eucalyptus globulus* existentes e a plantação de espécies com interesse paisagístico bem como a colocação de bancos no local e boa iluminação, criando assim um novo espaço verde que possibilite a permanência dos utilizadores.

O espaço 2, uma vez que corresponde a uma área relvada com pouca insolação e afastada dos percursos principais do bairro passa a ser assumidamente uma zona de passagem. No entanto, é alvo de intervenções que o tornam mais interessante a nível cénico e que potenciam a sua função ecológica. Propõe-se a oficialização do caminho de pé posto que se verifica na ligação deste espaço com o quadrado (espaço 3) e o melhoramento do acesso com a construção de uma escada e uma rampa acessível a deficientes (ver figura 60).

É ainda proposto um banco e iluminação para esta área possibilitando a sua utilização para zona de descanso ou contemplação.



Figura 60: “Situação existente” (em cima) e “situação proposta” (em baixo) do espaço 2 (Beatriz Castiglione)

Para a área 1 foi pensada ainda uma segunda solução para ser implementada numa segunda fase de intervenção (ver figura 61). Esta proposta consiste basicamente em retirar a circulação automóvel que divide os espaços A, B, 3 e 2 do espaço 1. A ideia consiste em criar um novo espaço verde de estadia no espaço 1, com percursos pedonais, clareiras e bancos bem localizados. Com a retirada da circulação automóvel cria-se uma grande área protegida dos carros e multifuncional uma vez que possui diversos espaços que podem servir diferentes grupos de utilizadores.

PLANO GERAL ÁREA 1 - Solução 2

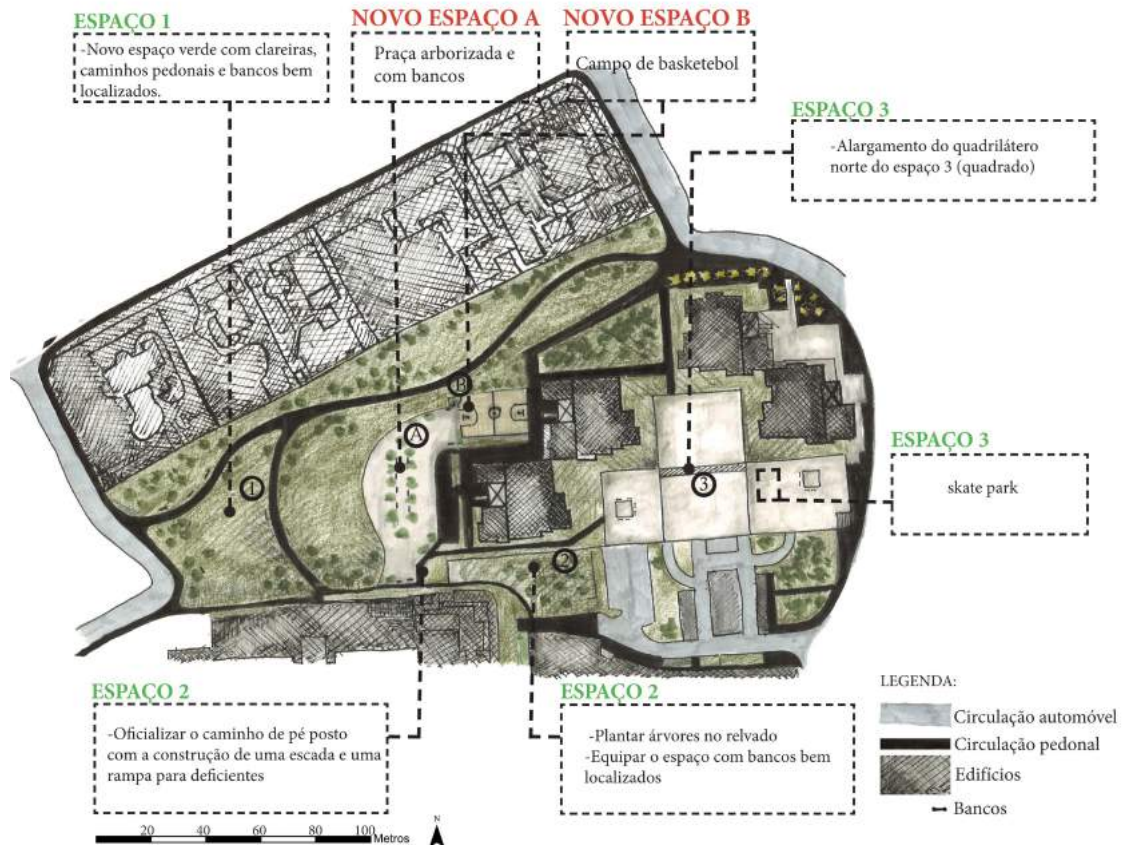


Figura 61: Plano geral área 1 – Solução 2 (Beatriz Castiglione)

5.4 Proposta para a ÁREA 2



Figura 62: Plano geral da área 2 (Beatriz Castiglione)

A área 2 é composta pelo espaço 5, correspondente à área comercial e pelo espaço 6, correspondente ao maior espaço verde dos pinhais da Foz.

Pensou-se inicialmente em mudar as esplanadas dos cafés da área comercial (espaço 5) para o espaço 6. No entanto, muitas esplanadas provocam barulho e por vezes podem significar um desequilíbrio entre as várias funções dos espaços públicos (GHEL, 2004). Esta solução acabaria por destruir a tranquilidade deste espaço, característica muito apreciada pela maior parte dos moradores, como foi possível verificar no inquérito. Nas entrevistas informais vários utilizadores, em especial os moradores dos prédios à volta do espaço 6, argumentaram ser contra esta solução, apesar de reconhecerem o seu interesse, pois destruiria a tranquilidade do espaço. Este tipo de situação em que as pessoas reconhecem o interesse de algum projeto mas opõem-se a que ele seja executado na proximidade

das suas casas por causarem situações indesejadas é geralmente denominado por profissionais de urbanismo norte-americanos como NIMBY (acrónimo inglês de “Not in my backyard”) (www.oxforddictionaries.com/definition/english/Nimby). Como forma de gerir este conflito propõe-se então o alargamento do passeio pedonal até ao separador verde existente (ver ficha de caracterização do espaço 5), através da retirada de uma via da rua e da ciclovia, que passa a ser localizada numa rua paralela menos movimentada. Desta forma é eliminada parte da confusão e do desconforto originado pela omnipresença do automóvel e as esplanadas da área comercial passam a estar voltadas para o movimento de peões (ver figura 63). Segundo Ghel os bancos e as esplanadas devem ser direccionados para as atrações, para vistas interessantes e para o movimento de pedestres (GHEL, 2004). Já Whyte tinha concluído em 1980 que uma das atividades que as pessoas mais fazem no espaço público é olharem umas para as outras, evitando contacto direto. (WHYTE, 1980)

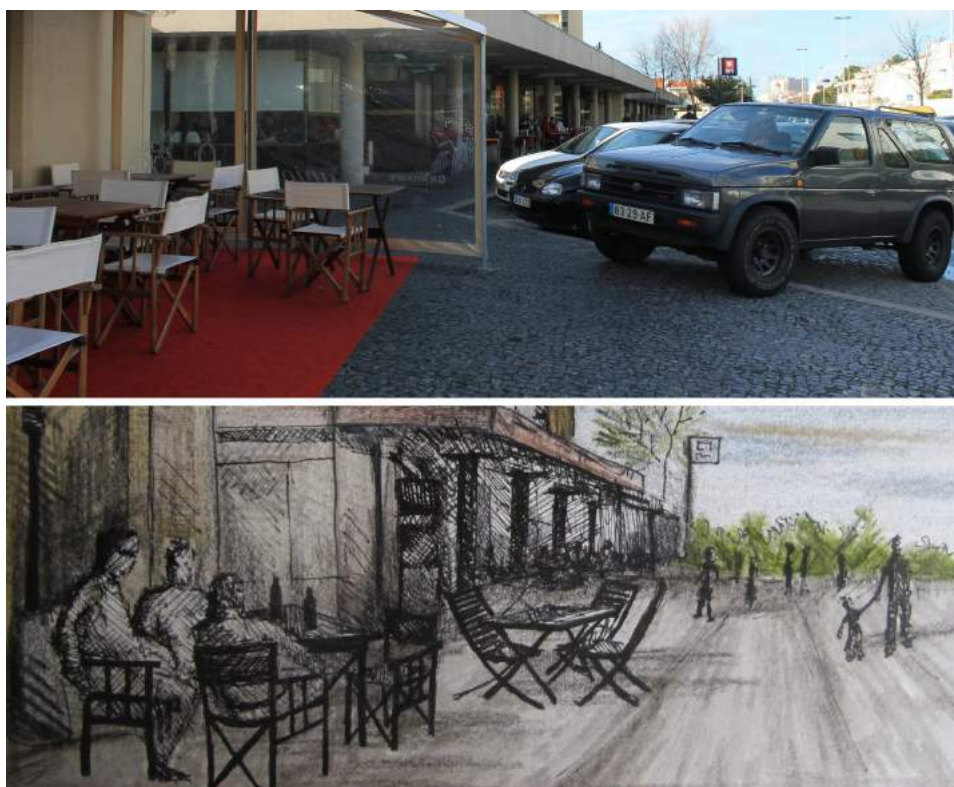


Figura 63: “Situação existente” (em cima) e “situação proposta” (em baixo) do espaço 5 (Beatriz Castiglione)

Relativamente ao espaço 6 as alterações prendem-se essencialmente com a colocação de equipamentos e mobiliário urbano no espaço, nomeadamente bancos,

brinquedos destinados a crianças e mais iluminação. As soluções apresentadas pretendem transformar este espaço num lugar de permanência, tirando partido do seu enorme potencial para área de estadia e recreio ativo, nomeadamente a proteção contra o tráfego, as dimensões e a variedade de vegetação que possui.

Propõem-se ainda a alteração do pavimento do caminho de pedra para terraway por ser mais confortável e seguro para todos os grupos de utilizadores. A praça central também é retirada, passando esta zona a ser equipada com bancos funcionando como uma nova área de convívio de onde é possível observar quase todos os espaços à volta. A vegetação arbórea mantém-se mas propõe-se a retirada dos arbustos existentes para a abertura de espaços mais amplos de recreio (ver figura 64)



Figura 64: “Situação existente” (em cima) e “situação proposta” (em baixo) do espaço 6 (Beatriz Castiglione)

Os dois acessos ao espaço 6 também são melhorados no sentido de se tornarem mais convidativos e seguros. Propõe-se a plantação de vegetação e um aumento da iluminação no acesso sul (ver figura 65) e no acesso norte (ver figura

66) propõe-se a retirada dos estacionamentos e o alargamento do passeio na entrada do jardim, que deve ser ainda bem iluminada e possuir bancos. Com isto pretende-se que o espaço tenha uma melhor relação com a rua, melhorando a sua qualidade e tornando o espaço mais convidativo. Whyte refere a importância da boa relação dos pequenos espaços urbanos com as ruas no seu documentário alertando que assim não só os utilizadores diretos do espaço usufruem dele mas também os indiretos, que podem observá-los e sentir-se mais felizes com a sua presença (WHYTE, 1980).



Figura 65: “Situação existente” (em cima) e “situação proposta” (em baixo) do acesso sul ao espaço 6 (Beatriz Castiglione)



Figura 66: “Situação existente” (em cima) e “situação proposta” (em baixo) do acesso norte da área 6 (Beatriz Castiglione)

5.5 Proposta para a ÁREA 3

PLANO GERAL ÁREA 3

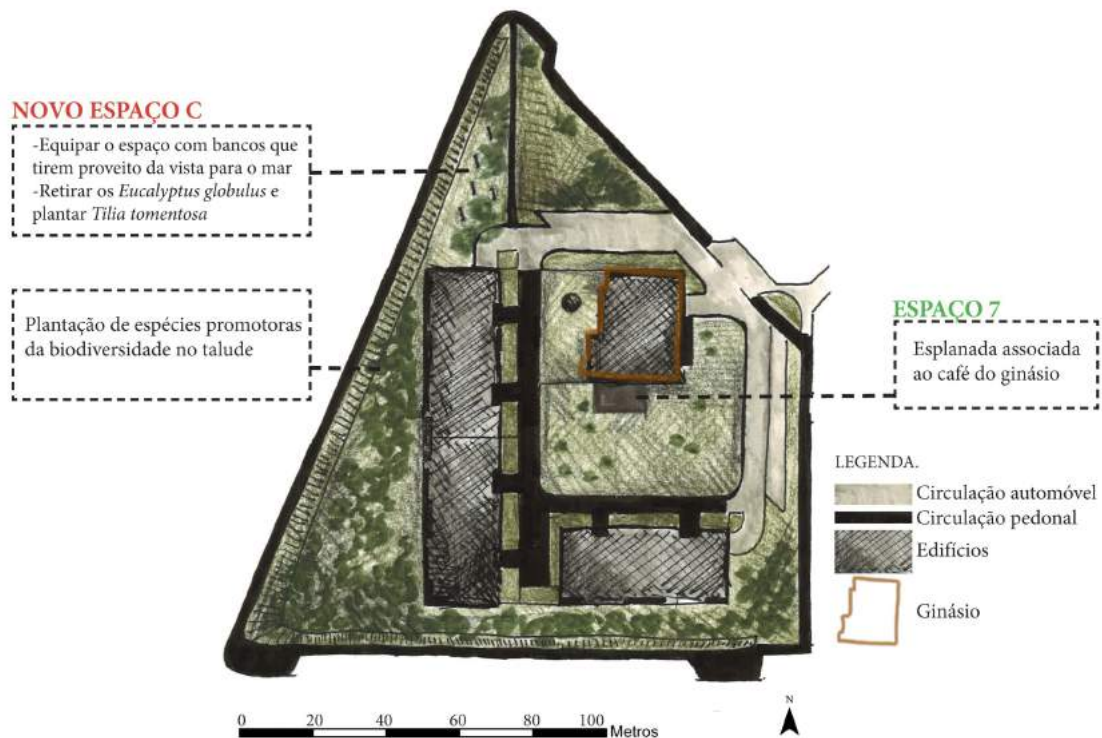


Figura 67: Plano geral área 3 (Beatriz Castiglione)

A área 3 é composta pelo espaço 7 e seus arredores. O espaço 7 é marcado pela presença de um ginásio, ao qual está associado um relvado plano sem nenhum equipamento. Para esta área propõe-se uma esplanada associada ao café do ginásio (ver figura 68) que potencia a utilização do relvado, uma vez que cria oportunidades de permanência no espaço para todos os grupos etários, além de contar com o estímulo da comida, muito mencionado por Whyte como um dos fatores mais fortes para atrair as pessoas aos espaços públicos (WHYTE, 1980), o que também foi comprovado pelas observações dos Pinhais da Foz, uma vez que a área comercial (espaço 5) é a única que nunca se encontra vazia devido à presença dos cafés com esplanadas. Este espaço possui ainda grande potencial de utilização uma vez que se encontra protegido do trânsito automóvel e possui uma área verde plana relativamente grande.

A nova esplanada no espaço 7 possibilita que os pais observem os filhos a brincar no relvado enquanto convivem ou lêem um livro na esplanada, por exemplo. Cria-se assim um espaço de estadia e contemplação agradável que não prejudica a tranquilidade da área residencial uma vez que não se tratam de muitos cafés juntos mas sim de uma pequena esplanada associada a um serviço com um espaço amplo em frente.



Figura 68: “Situação existente” (em cima) e “situação proposta” (em baixo) do espaço 7 (Beatriz Castiglione)

A área 3 possui ainda um pequeno espaço localizado a noroeste com um terreno levemente inclinado que possui ampla vista para o mar (ver plano geral, figura 67). O espaço encontra-se atualmente ocupado por *Eucalyptus globulus* e

uma *Tilia tomentosa*, não tendo qualquer tipo de uso definido. Propõe-se então a sua qualificação no sentido de criar um novo espaço de estadia que tire proveito da sua vista privilegiada. Para isso são retirados os *Eucalyptus globulus* e plantadas *Tilias tomentosa*. São ainda acrescentados bancos orientados para o mar e iluminação. Pretende-se assim criar um espaço de estadia e contemplação, recatado e agradável, que proporcione boas experiências sensoriais aos seus utilizadores (ver figura 69).



Figura 69: Em cima, à esquerda, vista do novo espaço C, à direita “situação existente” do espaço e em baixo “situação proposta” do espaço C (Beatriz Castiglione)

CAPÍTULO VI: Linhas orientadoras para o desenho de espaço público residencial

Embora cada área residencial seja distinta e apresente conflitos de uso e situações particulares, algumas soluções de projeto em espaço público adotadas nos Pinhais da Foz podem ser generalizadas, principalmente quando confrontadas com estudos semelhantes, nomeadamente os realizados por William Whyte (1988), Jan Gehl (2004) e Yodanis Rofe (2011).

Posto isto, este capítulo apresenta estratégias de desenho de espaço público residencial, que têm como ponto de partida a perspetiva do utilizador, para a criação de espaços seguros, multifuncionais e que proporcionem conforto e boas experiências sensoriais aos utilizadores.

6.1 Circulação Automóvel

- Deve ser clara e possuir boas ligações.

6.2 Circulação Pedonal

- Deve possuir percursos claros e acessíveis a todos os utilizadores
- Deve possuir boa iluminação
- Deve ligar os principais pontos da área residencial
- Deve possuir piso regular e confortável
- Devem passar por locais com interesse cénico que torne o caminho agradável de contemplar.

6.3 Praças

- Devem possuir boa iluminação.

- Devem possuir bancos confortáveis e direcionados para as atrações e para o movimento de peões de forma a permitir que as pessoas permaneçam no espaço por longos intervalos de tempo. O mobiliário deve possibilitar o contacto entre as pessoas.
- Devem garantir acessibilidade a todos os utilizadores.
- As superfícies devem ser regulares e seguras.
- Devem possuir paisagens ou fachadas interessantes para contemplar.
- Devem ter vegetação com interesse paisagístico associada sempre que possível.
- Podem apresentar locais ou equipamentos para praticar exercício físico.

6.4 Pracetas

- Devem possuir boa iluminação
- Devem possuir bancos confortáveis e direcionados para as atrações e para o movimento de peões de forma a permitir que as pessoas permaneçam no espaço por longos intervalos de tempo. O mobiliário deve possibilitar o contacto entre as pessoas.
- Devem garantir acessibilidade a todos os utilizadores
- As superfícies devem ser regulares e seguras
- Devem ter vegetação com interesse paisagístico associada sempre que possível

6.5 Zona comercial

- Deve possuir boa iluminação
- Devem possuir bancos confortáveis e direcionados para as atrações e para o movimento de peões de forma a permitir que as pessoas permaneçam no espaço por longos intervalos de tempo. O mobiliário deve possibilitar o contacto entre as pessoas.
- Devem garantir acessibilidade a todos os utilizadores
- As superfícies devem ser regulares e seguras
- Deve ter vegetação com interesse paisagístico associada sempre que possível
- Caso existam esplanadas de cafés estas devem ser direcionadas para o movimento de peões e para lugares sem trânsito automóvel. Devem ainda ser associadas a espaços verdes sempre que possível.

6.6 Separadores

- Devem possuir variedade de vegetação com interesse paisagístico.
- Devem possuir uma boa composição estética de vegetação.
- Devem minimizar as necessidades de manutenção.

6.7 Taludes com inclinação elevada

- Devem possuir arbustos com raízes profundas que ajudem a fixação do talude.
- Devem possuir variedade de vegetação com interesse paisagístico.
- Devem possuir uma boa composição estética de vegetação.
- Devem minimizar as necessidades de manutenção.
- Podem possuir espécies promotoras da biodiversidade.

6.8 Canteiros e floreiras associados a edifícios

- Devem possuir variedade de vegetação com interesse paisagístico.
- Devem possuir uma boa composição estética de vegetação.
- Devem minimizar as necessidades de manutenção.
- Podem possuir espécies promotoras da biodiversidade.

6.9 Espaços verdes com aptidão para recreio ativo

- Devem possuir boa iluminação.
- Devem possuir bancos confortáveis e direcionados para as atrações e para o movimento de peões de forma a permitir que as pessoas permaneçam no espaço por longos intervalos de tempo. O mobiliário deve possibilitar o contacto entre as pessoas.
- Devem garantir acessibilidade a todos os utilizadores.
- Devem possuir paisagens e fachadas interessantes para contemplar.
- Devem ter variedade de vegetação com interesse paisagístico.
- Devem possuir boas composições estéticas de vegetação.

- Não devem ser fechados com muros ou outros obstáculos.
- Devem possuir uma boa relação com a rua e entradas convidativas.
- Podem apresentar locais ou equipamentos para praticar exercício físico, desde que isso não represente a destruição da tranquilidade do espaço residencial.
- Podem apresentar equipamentos para crianças, que devem ser localizados próximos de zonas para sentar e que permitam observá-las.
- Devem possuir áreas planas com relvado preparado para pisoteio e ausência de obstáculos.
- Podem possuir esplanadas de cafés sempre que isto não represente a destruição da tranquilidade da área residencial.

6.10 Espaços verdes sem aptidão para recreio ativo

- Devem possuir boa iluminação.
- Devem possuir bancos confortáveis e orientados para as atrações e para o movimento de peões de forma a permitir que as pessoas permaneçam no espaço por longos intervalos de tempo. O mobiliário deve possibilitar o contacto entre as pessoas.
- Devem garantir acessibilidade a todos os utilizadores.
- Deve possuir paisagens ou fachadas interessantes para contemplar.
- Deve ter variedade de vegetação com interesse paisagístico.
- Devem possuir boas composições estéticas de vegetação.
- Não devem ser fechados com muros ou outros obstáculos.
- Devem possuir uma boa relação com a rua e entradas convidativas.
- Podem possuir esplanadas de cafés sempre que isto não represente a destruição da tranquilidade da área residencial.

6.11 Campos de jogos

- Devem ser localizados de preferência próximo de áreas de estadia.
- Devem possuir boa iluminação.
- Devem ser enquadrados por vegetação com interesse paisagístico sempre que possível
- Devem incluir lugares para sentar e observar o que está a acontecer.

6.12 Parques infantis

- Devem ser localizados de preferência próximo de áreas de estadia.
- Devem possuir boa iluminação.
- Devem ser enquadrados por vegetação com interesse paisagístico sempre que possível
- Devem incluir lugares para sentar e observar o que está a acontecer.
- Podem estar associados a esplanadas de cafés.

CAPÍTULO VII: Conclusão

“The city has been linked to a poem, a sculpture, a machine. But the city is more than a text, and more than an artistic or technological artifact. It is a place where natural forces pulse and millions of people live – thinking, feeling, dreaming.”

Anne Whiston Spirn

Os Pinhais da Foz são uma área privilegiada em termos de espaço público residencial, em especial de espaços verdes, reunindo as mais variadas tipologias de espaço. Apesar disso, de uma forma geral, estes espaços são subutilizados pela população residente e presente. Isto acontece como resultado de um mau desenho de espaço, não adaptado às necessidades e expectativas dos seus utilizadores. Coloca-se então a seguinte questão: “Que alterações devem ser feitas nos espaços públicos dos Pinhais da Foz para que estes sejam mais utilizados?” Os espaços públicos, nomeadamente os espaços públicos residenciais, destinam-se a ser usados pela população e têm como objetivo melhorar a qualidade de vida desta. Projetar espaço público exige assim conhecer os comportamentos e ambições da população ou de grupos da população em relação a estes espaços. Este princípio deveria ser o ponto de partida de qualquer projeto.

A observação comportamental e entrevistas/inquéritos à população permitem saber como os espaços públicos são utilizados e abrem perspetivas acerca do porquê de alguns funcionarem e outros não.

Destacam-se como requisitos para o sucesso do espaço público residencial a segurança, a existência de locais para sentar devidamente localizados, a existência de equipamentos desportivos, a existência de vegetação e uma boa manutenção do espaço.

As propostas apresentadas neste trabalho para os espaços públicos dos Pinhais da Foz pretendem potenciar ou conferir uma nova vivência aos mesmos, tendo em conta os resultados dos questionários, das observações e a revisão bibliográfica. Considera-se, no entanto, que o envolvimento da população na requalificação

destes espaços deveria continuar como forma de validação das medidas apresentadas e de deteção de eventuais falhas ou novos conflitos.

Os projetos de espaço público devem incluir uma equipa multidisciplinar que englobe profissionais de disciplinas como a sociologia e a psicologia nos estudos comportamentais e de participação pública. Segundo Jan Ghel, “nenhuma criança pede algo no Natal que não conheça, e as pessoas nunca vão pedir melhorias nas suas cidades que não estejam já no seu imaginário” (GHEL, citado por GAETE). Assim sendo, salienta-se a importância de informar as pessoas sobre quais as possibilidades de qualificação que os espaços públicos residenciais podem ter como estratégia de incutir nelas o desejo de mudança da sua área residencial.

Em 1962, quando Stroget, rua principal de Copenhaga, foi convertida numa rua pedonal, foram muitas as pessoas que não acreditaram no projeto e argumentaram que uma rua pedonal na Dinamarca nunca funcionaria. Eram frequentes frases como “Somos dinamarqueses, não italianos” ou “usar espaços públicos é contrário à mentalidade nórdica”. Provavelmente ninguém imaginaria o enorme sucesso que o projeto representaria na utilização dos espaços públicos da cidade, que passou a ser exemplo e inspiração para muitas outras. (GHEL et al, 2004). Durante a investigação realizada nos Pinhais da Foz também foi frequente ouvir frases como “os portugueses não dão valor aos espaços verdes como lá fora”. No entanto, pelos inquéritos e observações foi possível perceber que pequenas alterações nestes espaços alterariam completamente a sua vivência. De qualquer forma, ainda que esta seja uma questão cultural, o nosso cérebro possui a capacidade de se adaptar à medida que vivemos novas experiências e adquirimos novo conhecimento (VIDAL, 2011). Graças a isto muitos preconceitos foram vencidos ao longo da história e muitos hábitos alterados. Cabe aos profissionais de arquitetura paisagista, urbanismo e arquitetura mudarem a forma como as pessoas olham para os espaços públicos de proximidade em Portugal através de bons projetos, direcionados para as pessoas e que sejam inclusivos, multifuncionais e seguros, podendo assim proporcionar o encontro e estimular os contatos sociais, já que, nas palavras de Viking Hjordemol, “man is man’s joy”³.

³ No documentário “Cities for people”

BIBLIOGRAFIA

AMINZADEH, Behnaz; AFSHAR, Dokhi. *“Drug Abuse in Urban Parks – Spaced out”*. Landscape Design, 2003.

APPLETON, Jay. *“The experience of landscape.”* John Wiley. Chichester e Nova York, 1996.

BECHTEL, Robert B; MARANS, Robert W; MICHELSON, W. (edição). *“Methods in Environmental and Behavioral research”*. Robert E. Krieger publishing company. Florida, 1990.

BENEVOLO, Leonardo. *“As origens da Urbanística Moderna”*. Editorial Presença, Lda. Lisboa, 1994.

CARMONA, Matthew; TIESDELL, Steve (edição). *“Urban design redefined”*. Architecture Press. Oxford, 2007.

CARMONA, Matthew. *“Contemporary Public Space, Part two: Classification”*. Journal of Urban Design, 2010.

CARNPENHOUDT, Luc Van; QUIVY, Raynond. *“Manual de investigación en ciencias sociales.”* Limusa Noriega editores. México, 2005

DARWIN, Charles. *“The origin of species”*. Wordsworth classics of world literature. 1998.

DE VRIES, Sijp; VERHEIJ, Robert; GROENEWEGEN, Peter; SPREEUWENBERG, Peter. *“Natural environments – Healthy environments? An exploratory analysis of the relationship between greenspace and health”*. Environment and Planning A, 2003.

FARINHA-MARQUES, Paulo et al. *“Morfolgia e Biodiversidade nos Espaços Verdes do Porto- Livro 1 – Seleção das Áreas de Estudo”* Porto, 2011.

FARINHA-MARQUES, Paulo; SILVA, Isabel Martinho; REIS, Liliana; QUINTAS, Andreia V.; *The Rehabilitation of The Mouteira Quarter Through Public Space Design*, ECLAS, Génova, 2009.

FARINHA-MARQUES, Paulo. “*Principais funções da vegetação no espaço urbano: Aspectos ecológicos, funcionais, estéticos e económicos*”. Faculdade de Ciências da Universidade do Porto. Material de apoio à disciplina de “Projecto Aplicação de Material Vegetal”. Porto, 2008 (não publicado).

GAETE, Constanza. “*12 critérios para determinar um bom espaço público*”. ArchDaily, 2013. Disponível em: <http://www.archdaily.com.br/br/01-115308/12-criterios-para-determinar-um-bom-espaço-público>.

GHEL, Jan; GEMZOE, Lars. “*Public Spaces Public Life Copenhagen*”. Narayana Press. Denmark, 2004.

GHEL, Jan; GEMZOE, Lars. “*Novos espaços urbanos*”. Editorial Gustavo Gil. Barcelona, 2002.

GHEL, Jan. “*Life between buildings*”. Denish Architectural Press. Dinamarca, 1986.

GOLICNIK, Barbara; THOMPSON, Catharine Ward. “*Emerging relationships between design and use of urban park spaces*”. Landscape and Urban Planning, 2009.

HAILING, Gu; ZHIXIN, Gu. *Regenerating Public Space in Residential Áreas – a Design Proposal for Herrgarden in Rosengard*. Sweden, 2009.

HAWARD, Ebenezer. “*Cidades-Jardins de amanhã*”. Série Arte e Vida urbana. São Paulo, 1996.

HOPKINS, John. “*The making of urban open spaces*”. Landscape Design, 2002.

HOUGH, Michael. *"Cities and Natural Process. A basis for sustainability"*. Routledge. London, 2004.

JACOBS, Jane. *"Morte e Vida de Grandes Cidades"*. Coleção Mundo da Arte. São Paulo, 2009.

JACKSON, Laura E. *"The relationship of urban design to human health and condition"*. Landscape and Urban Planning, 2002.

JELLICOE, Geoffrey and Susan. *"The Landscape of Man"*. Thames & Hudson, Londres, 1995.

KAPLAN, Rachel; KAPLAN, Stephen; RYAN, Robert L., *"With People in Mind – Design and Management of everyday Nature"*, Island Press, Washington D.C., 1998.

LAMAS, José. *"Morfologia Urbana e Desenho da Cidade"*. Fundação Calouste Gulbenkian. Porto, 2004.

LOUREIRO, Ana Reis. *O Espaço Público nos Bairros Sociais do Porto – Um Plano conceptual para uma reabilitação espacial e social – aplicação num caso de estudo*. Faculdade de Ciências da Universidade do Porto. Porto, 2011.

LYNCH, Kevin. *"A Imagem da Cidade"*. Edições 70 Lda. Lisboa, 2011.

MAAS, Jolanda; VERHEIJ, Robert; GROENEWEGEN, Peter; DE VRIES, Sierp; SPREEUWENBERG, Peter. *"Green space, urbanity, and health: How strong is the relation?"*. Journal Epidemiology Community Health, 2006.

MADDEN, K.; WILEY-SCHWARTZ, A. *"How to design a Safe Public Space"*. Landscape Design, 2002.

MAGALHÃES, Manuela Raposo. *"A Arquitectura Paisagista – Morfologia e Complexidade"*. Editorial Estampa, Lda. Lisboa, 2001.

MARCUS, Clare Cooper; FRANCIS, Carolyn. *“People Places – Design Guidelines for Urban Open Space”*. John Wiley & Sons, Inc, 1998.

MATSUOKA, Rodney H.; KAPLAN, Rachel. *“People needs in the urban landscape: Analysis of Landscape And Urban Planning contributions”*. Landscape and Urban Planning, 2007.

MITCHELL, Richard; POPHAM, Frank. *“Effect of exposure to natural environment on health inequalities: an observational population study”*. Lancet, 2008.

MITCHELL, Richard; POPHAM, Frank. *“Greenspace, urbanity and health: relationships in England”*. Journal of Epidemiology and Community Health, 2007.

PINTO, José Madureira; SILVA, Augusto Santos. *“Metodologia das Ciências Sociais”*. Edições Afrontamento. Porto, 2005.

PROJECT FOR PUBLIC SPACES. *“Placemaking and the Future of Cities”*, 2012.

PIRES, Andrea. *“Association between crimes rates in the neighborhood of residence and physical activity of older persons from Porto”*. Dissertação de Mestrado em Saúde Pública da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, 2013.

RAMANUJAM, Priti. *“Prospect-Refuge theory revisited: A search for safety in dynamic public spaces with a reference to design”*. The University of Texas at Arlington. Maio, 2006.

ROFE, Yodan et al; *“Quantity and Quality of Neighbourhood Public Open Spaces in Israel”*. Israel, 2011.

SCHIPPERJIN, Jasper et al. *“Factors influencing the use of green space: Results from a Danish national representative survey”*. Landscape and Urban Planning, 2009.

SILVA, Isabel Martinho; FARINHA-MARQUES, Paulo; LOUREIRO, Ana Reis. *"The rehabilitation of Porto Public Residential Spaces Through Public Space Design"*.

SPIRN, Anne Whiston. *"The Poetics of City and Nature: Towards a New Aesthetic for Urban Design"*. Landscape Journal, 1988.

STONE, A.M; RIVLIN, L.G; CARR, S. *"Needs in public space"* 1992. In "CARMONA, M.; TIESDELL, S. (edição). *"Urban Design reader"* Architecture Press, Oxford, 2007.

STEINITZ, Carl; CASTEL-BRANCO, Cristina. *"Mais de trinta ideias influentes em planeamento da paisagem"*. Archi News, 2011.

CASTEL-BRANCO, Cristina; FONSECA, Mónica. *"Entrevista Carl Steinitz"*. Archi News, 2011.

THOMSON, Catharine Ward. *"Urban open space in th 21st century"*. Landscape and Urban Planning, 2002.

TISMA, Alexandra. *"The new dutch parks: Relation between form and use"*. Landscape Architecture Journal, 2007.

VAN DEN BERG, Agnes E.; HARTING, Terry; STAATS, Henk. *"Preference for Nature in Urbanized Societies: Stress, Restoration, and the Pursuits of Sustainability"*. Journal of Social Issues, 2007.

VIDAL, Catherine. *"The Sexed Brain: Between Science and Ideology"*. Springer Science and Business Media, 2011.

WILSON, James; KELLING, George. *"Broken Windows"*, The Atlantic Monthly, 2009, disponível em <http://www.theatlantic.com/doc/198203/broken-windows>

WHYTE, William Hollingsworth, and Project for Public Spaces. *"The Social Life of Small Urban Spaces"*. New York: Project for Public Spaces. 2001.

www.pps.org (PROJECT FOR PUBLIC SPACES)

Documentário “The social life of small urban spaces”, William H. Whyte, 1988.

Documentário “Cities for people”, Jan Ghel, 2002.

Documentário “Urbanized”, Gary Hustwit, 2011

Documentário “The human scale”, Andreas Delsing, 2012

ANEXOS